

Ana Luiza Horstmann de Castilhos

**DA PRÁTICA À TEORIA: UMA EXPERIÊNCIA ACERCA DO
CORPO HUMANO NO ENSINO DE CIÊNCIAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências
Biológicas - Licenciatura da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para obtenção de
grau de Licenciatura no Curso de
Ciências Biológicas.

Orientador: Profa. Dra. Patricia
Montanari Giraldi

Coorientadora: Mestra Simone Dos
Santos Ribeiro

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
Através do Programa de Geração Automática da Biblioteca
Universitária da UFSC.

Castilhos, Ana Luiza Da Prática à Teoria: Uma experiência acerca do Corpo Humano / Ana Luiza Castilhos ; orientadora, Patricia Montanari Giraldi ; coorientadora, Simone Dos Santos Ribeiro. - Florianópolis, SC, 2016. 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas. Graduação em Ciências Biológicas. Inclui referências 1. Ciências Biológicas. 2. Educação. 3. Sexualidade . 4. Ensino de Ciências . 5. Corpo Humano. I. Montanari Giraldi, Patricia. II. Dos Santos Ribeiro, Simone. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. IV. Título.

Ana Luiza Horstmann de Castilhos

**DA PRÁTICA À TEORIA: UMA EXPERIÊNCIA ACERCA DO
CORPO HUMANO NO ENSINO DE CIÊNCIAS.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Ciências Biológicas”, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Biológicas.

Florianópolis, 8 de dezembro de 2015.

Prof.a Maria Risoleta Freire Marques, Dr.^a
Coordenador do Curso de Ciências Biológicas

Banca Examinadora:

Prof.^a Patricia Montanari Giraldi, Dr.^a
Orientadora

Prof.^a Simone Dos Santos Ribeiro
Coorientadora

Prof. Leandro Belinaso Guimarães, Dr.^a

Prof. Mariana Brasil Ramos, Dr.^a

Nunca fui singular, sempre fui plural.
Aqui estou por vocês e por isso lhes
dedico.

AGRADECIMENTOS

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT - EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno Príncipe. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009

O encerramento desse ciclo faz com que eu tenha a necessidade de preencher esse espaço com algumas singelas palavras. E, o que torna isso engraçado, é que, não imaginava que seriam tantas palavras assim. Mas, ao analisar e reviver toda a minha trajetória até aqui, percebi a quão sortuda eu sou e a quão grata devo de ser. Percebi como a vida me presenteou com algumas (muitas) pessoas (mesmo de longe) e como estas, cada uma delas, em algum momento (ou em todos) se fez importante e essencial para mim.

Fiquei preocupada em ter de citar cada pessoa individualmente porque poderia esquecer de alguma, e isso não a torna menos especial que as outras, apenas confirma que fui eu quem fiz os agradecimentos (mesmo), porque eu sendo eu mesma, teria de esquecer de algo, por isso, se o seu nome não estiver aqui, mas souber do quão importante és, não se sintam triste, porque estás em um espaço muito mais importante do que este aqui reservado. Estás em meu coração e muito bem guardado.

Primeiramente, estar fazendo parte de um Curso de Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina já me faz exceção e somente por isso já tenho muito o que agradecer. Foram os núcleos de pesquisa, professores, técnicos, servidores e laboratórios da UFSC que me acolheram durante esses cinco anos e meio, e foi nela e com ela que eu tive o meu despertar pela educação. Por isso, meu muito obrigada.

Ainda que estejam diretamente envolvidas com a UFSC eu não poderia deixar de dedicar um agradecimento muito especial às duas Professoras que me receberam como aprendiz da vida e da educação. As duas professoras que eu tive a sorte de conhecer no fim desta caminhada, mas que eu sei que irão caminhar comigo muitas outras. À Patrícia Giraldi e A Simone Ribeiro minha eterna gratidão a vocês, e mais do que isso, minha eterna admiração. Obrigada por partilharem comigo experiências, saberes e vivências. Obrigada por confiarem em mim, me aceitarem e me guiarem. E mais que isso, obrigada pelas palavras de conforto, abraços, desabafos e amizade.

Agradeço a Escola Municipal Batista Pereira que me abriu as portas e me permitiu ter essa experiência. Aos estudantes com quem

trabalhei que me recepcionaram e me aceitaram da forma mais pura e verdadeira. A eles que estarão para sempre comigo.

A todos os meus colegas de curso, aqueles que entraram comigo, aqueles que ficaram pelo caminho, aqueles que permaneceram e que permanecem.

À Renaly por me acompanhar desde sempre até sempre.

Ao Titi por todos os trabalhos em grupo, todos os “vamos que vai dar certo” e toda disponibilidade e atenção comigo.

Ao Victor “moquiridu” que esteve presente dentro e fora do meio acadêmico.

Ao Rafael por seus resumos e cadernos perfeitos, sua ajuda em bioquímica, seu strogonoff e todo seu carinho para comigo.

À kamila por sempre me estressar antes das provas com aquele seu jeito de “despejar” todo um livro em 3 minutos.

À Débora e Samara que foram amigas de todas as horas.

Ao Santiago, pelas idas e vindas no semidireto, pelos conselhos, conversas, ajudas e todo o amor que nos envolve.

Ao Rinaldo que me mostrou com toda sua simplicidade e bom coração como temos de viver a vida e qual o verdadeiro motivo de aprender e ensinar e como esse processo deve ser feito.

À Regina Lopes que me “adotou” com sua pesquisa de doutorado, me ensinou, doou suas ideias, seu tempo e sua “maluquice” e que foi durante 1 ano minha orientadora e amiga. Obrigada por entender que eu nasci para educação e não para a pesquisa. Consequentemente, ao Professor Giordano que nos apoiou com as partes mais burocráticas e formais, mas não menos importantes.

A Júlia e Aléxia pela possibilidade de criarmos laços e uma grande amizade. Pelas palavras de apoio e risadas.

Ao Professor Carlos Pinto por aguentar minhas risadas em sala, pela liberdade concedida, pela amizade, pelas conversas e todo apoio burocrático que sempre fui falha QUE SEM ELE não estaria aqui.

Aos meus “Piratas Pálidos” por todas as aventuras e vivências que compartilhamos.

Ao Oscar por todo o apoio e incentivo, que se fez presente mesmo ausente, que compartilhou comigo meus medos e angústias, por ter “aguentado” o tranco de minhas crises existenciais e emocionais, por sentir minha felicidade e fazer parte dela, por conseguir me roubar sorrisos nos momentos mais difíceis, por acreditar em mim e inconscientemente me motivar todos os dias a querer ser melhor e fazer o melhor. A ele que não me fez desistir, que me fez estar firme até o fim e querer terminar tudo isto para poder desfrutar das férias ao seu lado.

Ao Nico, por toda sua paciência, generosidade e afeto comigo, pela amizade e incentivo diário, pelas noites ao meu lado, pelos cafés compartilhados, pelos abraços apertados, pelos “calma relaxa”, por tentar organizar minha desorganização e me permitir ser eu mesma, sempre. A ele que foi parte fundamental deste meu processo minha eterna gratidão e minhas eternas “tortuguitas”.

À Gabriela Marquez e Maria Eliza por serem as melhores amigas e pessoas que poderia ter. Por nunca desistirem de mim e de nossa amizade, que mesmo eu sendo ausente, me querem presente e se fazem presente. A elas quem eu tenho um amor enorme e muitas histórias e recordações. A elas que eu tenho a segurança de que serão para sempre. A elas que ainda distantes sempre me motivaram e apoiaram.

Ao Wesley somente minha gratidão eterna, não tenho como expressar tamanha felicidade diante de nosso encontro. A ele que desde sempre me contagiou com sua boa energia e risada.

Ao Lucas Rossi por ter me encontrado em meio a multidão, por ter sido meu melhor companheiro, confidente, amigo e levantador de autoestima. A ele e sua felicidade, a ele e sua amizade comigo, meu muito obrigada.

Ao Filipe por querer me ajudar sempre, estar sempre preocupado comigo e não me deixar enlouquecer.

Dedico também uma muito obrigada ao Núcleo Ressacada De Pesquisas Em Meio Ambiente por ter me acolhido durante 4 anos e por ter permitido meu crescimento e desenvolvimento em diversos projetos. À Marilda, por toda sua dedicação e esforço. Ao Cléo, por sua paciência e inteligência. Ao Henry por sempre me aceitar de volta. À Helen por me ensinar que ser chefe é ser amável e amigo. A Sara, Léo, Júlia Barcelos e Julica por terem se tornado minha família.

Por fim, meu muito obrigada aqueles que eu não conheci no meio acadêmico, porém, fizeram parte dele:

Ao meu pai, que fez todo o impossível ser possível para eu estar aqui, a ele, que sempre me ensinou, amou e educou incondicionalmente, a ele que sempre esteve ao meu lado cheio de orgulho e apoiou todas as minhas escolhas e decisões.

À minha mãe, que é a minha melhor amiga, que nunca me deixou desanimar, que mesmo ouvindo “ah... vai ser professora” enchia o peito, empinava o nariz e defendia que eu ia ser mesmo e que eu ia ser a melhor professora, ela que sempre acreditou e confiou em mim. A ela que me deu dois irmãos que eu amo tanto.

À minha avó Lourdes que sempre foi meu amuleto da sorte e companheira, quem de sua maneira, sempre esteve presente e preocupada

comigo, quem realizou muito de meus sonhos. E que por conta deste TCC não consegui preparar seu café todas as manhãs.

À vó Lúcia que transborda de amor e orgulho por mim.

À Sayonara por ser minha Pessoa inspiradora.

À tia Jacque por ser minha amiga e minha estrela.

À Maria Cristina por ser sempre a mais feliz e por estar sempre feliz de minhas conquistas.

À Karina por toda nossa cumplicidade de irmã, e por me apresentar com a Luiza.

À Hemonyne por seu sorriso.

Ao Hiury por sua chatice que me motiva ser melhor.

Aos meus irmãos a quem eu quero poder ajudar a educar.

“Talvez esse homem seja mesmo um tolo. No entanto, é menos tolo que o rei, que o vaidoso, que o empresário que o beerrão. Seu trabalho ao menos tem um sentido. Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer mais uma estrela, ou uma flor. Quando o apaga, porém, faz adormecer a estrela ou a flor. É um belo trabalho. E, sendo belo, tem sua utilidade. ” (SAINT - EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno Príncipe. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009).

RESUMO

O tema corpo humano bem como sua relação com a sexualidade está previsto e presente no ensino. Em 1997 se efetivou como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a “Educação” em sexualidade, tendo de ser abordado em diversas áreas do conhecimento. Entretanto, está frequentemente inserido nas aulas de Ciências e Biologia com um ensino sistematizado do corpo. Sendo o sistema “reprodutor” integrante do corpo a justificativa por abordagens mais biologizantes, pontuais, direcionadas e simplificadas sobre a sexualidade, está vinculada a uma ideia de prevenção da saúde, também pela constatação e reconhecimento de gravidez em muitos jovens, dentro do contexto escolar. Isso faz com que o tema sexualidade perca, em parte, significação social e cultural. Tendo em vista que o corpo não possui única e exclusiva função de reprodução e que é possível aprimorar entendimentos e conhecimentos sobre o sujeito e sua construção de identidades (sexual e de gênero), defendemos uma abordagem mais ampla e consciente em relação ao estudo destes temas, bem como as suas relações sociais e culturais. Diante desta perspectiva pensada para o ensino de Ciências deu-se início a este trabalho com estratégias, abordagens e atividades diversificadas enfocadas na discussão sobre os diferentes tipos de corpos, estilos, sexos, gêneros, famílias e preconceitos com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Básica Municipal da Grande Florianópolis. As práticas e análises realizadas tiveram como ponto de partida a aproximação das professoras com a realidade social e familiar dos estudantes e das estudantes. Sendo assim, acredito que este trabalho que surgiu de uma prática e passa a ser analisado com embasamentos teóricos possa auxiliar de alguma maneira outros professores e professoras, seja como modelo efetivo ou comparativo em suas aulas de ciências.

Palavras-chave: Ensino de Ciências e corpo humano; Sexualidade e Ensino de Ciências; Gênero; Corpo Humano e Educação; Relações de Poder na Escola; Bullying.

ABSTRACT

The human body and its relation with sexuality is a foreseen and present matter in the educational system. In 1997 education regarding sexuality was stated as a mainstreamed topic on the National Syllabus Parameters (PCNs, in Portuguese) and to be mandatory its approach in every area of knowledge. However, it is frequently used with a systematic view of the body in Biology and Science classes. As the reproductive system is a feature of the body, we have a very specific and simplified view of sexuality where the issues approached by teachers are usually related to prevention of sexually transmitted diseases as HIV as well as pregnancy in the school environment. That for itself makes sexuality less of a social and cultural matter. As we expect, sexuality it is not just a matter of reproduction and it is possible to better understand a subject and their sexual and gender identity build up. We believe that a broader and more conscious approach to sexuality and its social and cultural consequences it is required. In front of this Science teaching perspective it is where this project has its foundations. The project has an exploratory and descriptive approach to these issues and many strategies and activities were adopted to help discuss about different bodies' shape, styles, sexual orientation, genres, family and prejudice amongst students of the fifth grade of a Florianópolis neighbor city's fundamental school. The carried-out activities and analysis had their starting point with teachers facing the social reality of families and students. Hence, I believe this Project that came to be from a practice and started to be analysed against theoreticians and theories can be useful to teachers in the future as an effective or as a comparative model during science classes or other subjects.

Keywords: Sciences and Human Body Education; Sexuality and Science Education; Gender; Human Body and Education; Power Relationships at school; Bullying.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 Atividade "História Contada De Cada Um"	50
Figura 2 Escrita da Atividade "História Contada de Cada Um"	57
Figura 3 Atividade "Como eu acho que é meu corpo?"	58
Figura 4 Atividade "Contação de história"	60
Figura 5 Escrita sobre "Bullying"	61
Figura 6 Atividade sobre "Bullying"	63
Figura 7 Atividade sobre "Bullying"	65
Figura 8 Atividade sobre "Bullying"	65
Figura 9 Atividade sobre "Bullying"	66
Figura 10 Composição de escritas sobre o conto "A peste da Janice"	68
Figura 11 Composição de escritas sobre o conto "A peste da Janice"	68
Figura 12 Composição de escritas sobre o conto "A peste da Janice"	69
Figura 13 Atividade "Conhecendo meu corpo"	70
Figura 14 Escrita da Atividade "Conhecendo meu corpo"	72
Figura 15 Escrita da Atividade "Conhecendo meu corpo"	72
Figura 16 Escrita da Atividade "Conhecendo meu corpo"	72
Figura 17 Escrita da Atividade "Conhecendo meu corpo"	73
Figura 18 Escrita da Atividade "Conhecendo meu corpo"	73
Figura 19 Desenho da Atividade "Auto retrato"	74
Figura 20 Desenho da Atividade "Auto retrato"	75
Figura 21 Desenho da Atividade "Auto retrato"	75
Figura 22 Desenho da Atividade "Auto retrato"	76
Figura 23 Escrita da Atividade "O que eu gosto e o que eu não gosto em mim"	77
Figura 24 Escrita da Atividade "O que eu gosto e o que eu não gosto em mim"	78
Tabela 1 Encontro 1	41
Tabela 2 Encontro 2	42
Tabela 3 Encontro 3	42
Tabela 4 Encontro 4	43
Tabela 5 Encontro 5	43
Tabela 6 Encontro 6	44
Tabela 7 Encontro 7	45
Tabela 8 Encontro 8	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO:	25
1.1. OBJETIVO GERAL:	27
1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	27
2. INTRODUÇÃO:	29
2.1. ESTABELECENDO OS PRIMEIROS CONTATOS: ESCOLA, PROFESSORA E TEMA. 33	
2.2. (RE)CONHECENDO A TURMA:	35
2.3. SEXUALIDADE NO PLANO DE ENSINO: POR QUÊ, PARA QUÊ E PARA QUEM?37	
2.4. A SEXUALIDADE QUE NÃO É VISTA NA ESCOLA:	38
3. DESENVOLVENDO O PLANO DE ENSINO E MINHA REGÊNCIA:	40
3.1. MEU (NOSSO) PLANO DE ENSINO:	40
3.2. CONSTRUINDO MEU OBJETO DE ESTUDO E COMPREENDENDO MINHA ANÁLISE:	47
4. MINHA LEITURA	50
4.1. HISTÓRIA CONTADA DE CADA UM:	50
4.2. COMO EU ACHO QUE É O MEU CORPO? E COMO ELE FUNCIONA?	58
4.3. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA “ TAL PAI, TAL FILHO? ”	59
4.4. ESCRITA SOBRE O BULLYING:.....	61
4.5. ESCRITA DO FIM DO CONTO - A PESTE DA JANICE:	66
4.6. CONHECENDO O MEU CORPO:	69
4.7. AUTO RETRATO - O QUE MAIS GOSTO E O QUE MENOS GOSTO EM MIM: 73	
5. QUAIS AS MINHAS INFLUÊNCIAS, COMO EU ME VI E COMO EU QUERO SER VISTA?	80
6. REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES:	82
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE 1 - DECLARAÇÃO DA INSTITUIÇÃO:	92
APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:	94
APÊNDICE 3 - MINHA HISTÓRIA CONTADA	96

1. APRESENTAÇÃO:

Talvez eu não encontre explicação mais verdadeira em relação à criação e o resultado deste trabalho que a necessidade, ou melhor dizendo, o desafio pessoal que tive de enfrentar como aluna, futura professora e cidadã do mundo ao deparar-me com a primeira prática docente. Colocar-se no lugar do outro nem sempre é fácil e por isso acredito que sair do contexto aluna para o de professora tenha me remetido a muitos questionamentos e inquietações. Tive que pensar e entender qual a minha função, importância e como eu as exerceria. Diante disso, fui acometida por lembranças e recordações de todo meu trajeto educacional, principalmente, no meio acadêmico. Essa reflexão me fez concluir com absoluta certeza que estar em um curso de licenciatura não te faz professor. Ser de certa forma responsável pelo discernimento de tantos pequenos, crianças e de tantos, pois bem... seres é surpreendentemente assustador e mágico!

O fato de eu ter de trabalhar com crianças o tema do corpo humano e sexualidade foi o que me fez ter um (des)envolvimento muito maior com tudo e todos. Continuar disseminando um ensino sistematizado onde o único valor atribuído a ele é o de seus órgãos, funções vitais e reprodutivas não estava em meus planejamentos e tão pouco nos da professora que eu estava acompanhando. Ainda que esteja cada vez mais presente em nossa sociedade e cultura o tema sexualidade continua envolvendo muitos preconceitos e tabus.

Partindo da premissa de que quero fazer parte de uma educação crítica e (trans)formadora de cidadãos conscientes de seus atos, não poderia deixar de trabalhar a relevância sociocultural deste tema. Atrelando e unificando assim todos os meus objetivos como estudante e futura professora: o de não sistematizar, singularizar e igualar meus alunos, suas vivências e conhecimentos fazendo deles educandos e educadores da escola para vida. Sendo assim, tive um despertar muito mais pessoal por essa docência do que esperava. E talvez este despertar tenha surgido pelo desejo e possibilidade de ser diferente e fazer diferente, ou seja, dar o melhor de mim no que eu estava fazendo. E o que eu estava fazendo? Pois bem...

De antemão peço desculpas se me fizer repetitiva com os meus dizeres tão conhecidos e por vezes clichês. Estes em que digo acreditar que a educação tem papel fundamental na sociedade. Em que compartilho com a ideia de Fourez (1997) em relação à alfabetização científica- tecnológica quando acredito que a escola, e, no meu caso, o ensino de ciências, tem o

dever e a missão de formar alunos conscientes de seus saberes e conhecimentos. Seres críticos diante de si mesmos e do mundo que os cerca, seres que pensam e repensam por si próprios e por isso se posicionam, debatem e discutem sobre tudo, tendo autonomia dentro e fora de sala, através da teorização e modelização de seus conhecimentos, e que a compreensão da ciência faz parte de uma construção social, cultural e histórica.

Entendo que educação é um processo mútuo e recíproco entre um com o outro, um com todos e de todos com todos e que é justamente isso que faz com que estejamos sempre aprendendo, indo ao encontro da proposta pedagógica de Paulo Freire que afirma a necessidade do educador estabelecer um diálogo com seu educando a fim de perceber e problematizar as realidades existentes e a partir delas construir um conhecimento efetivo por meio da educação.

Sendo assim, não devemos limitar conhecimento e saberes ao espaço físico de uma escola, sala de aula, livro, caderno e tampouco a um professor e suas aulas. E, por isso, somente por tudo isso, estar dentro de uma sala de aula no contexto de professora se fez tão importante e desafiador para mim. Ainda que possa ser chamada de prática docente, esta, foi para mim muito além; foi uma prática de vida, para a vida e sobre a vida.

Se faz necessário ressaltar que tudo isso acima descrito, todo esse meu despertar e vontade pela educação muito provavelmente não teria ocorrido se acaso não tivesse encontrado dentro de uma escola municipal de uma pequena comunidade de Florianópolis um ser humano tão especial, calmo e dedicado como a professora com quem eu fui colocada a trabalhar. Esta foi quem acendeu a chama que me faltava para seguir este caminho, esta foi quem me reacendeu a esperança na educação. Esta que abriu a porta de seu laboratório, sua agenda, seus planejamentos e de sua aula para mim. Esta que me acolheu, me ensinou e me guiou. Esta com quem eu compartilhei todos os meus anseios, desejos e todas as minhas felicidades de estar com eles e de fazer parte deles.

Estar presente em uma sala de aula nos faz ser troca a todo momento. Troca de saberes, carinhos, visões de mundo, vivências e realidades. E com essa troca mútua e recíproca foi que me rendi e me transformei. De singular passei a ser plural, de “eu” passei a ser eles e assim passamos a ser nós. E quando passamos a ser nós já não nos diferenciamos nem distinguimos. E então, eu já não sabia se eu quem estava ensinando ou aprendendo. E depois disso tudo... eu resolvi chegar aqui e transformar a minha prática em teoria, em escrita, porque assim... eu sempre poderei rever e reviver o que me trouxe até aqui. E, não me sentirei culpada se

acaso você quiser experimentar e acabar em uma sala de aula como eu, abandonando anos de laboratórios e pesquisas de TCC...

Não te pedirei desculpas, mas te darei BOAS VINDAS e também boa sorte. Sendo assim, após minha prática e meu convite ousado (e aceite!) em transformar minha experiência em meu trabalho de conclusão de curso (TCC) em conjunto com as duas professoras que me acolheram e inspiraram, a professora Patrícia Giraldi e Simone Ribeiro Dos Santos comecei a nortear e planejar como se daria essa minha pesquisa e escrita. Com isso, o objetivo geral e os específicos de meu trabalho foram definidos da seguinte forma:

1.1. Objetivo geral:

Relatar e analisar atividades desenvolvidas em uma turma dos anos iniciais do ensino fundamental (quinto ano), de uma escola básica do Município de Florianópolis, visando a natureza pedagógica, social e cultural acerca do tema corpo humano e sexualidade.

1.2. Objetivos específicos:

- Compreender a importância de um Ensino de Ciências menos sistematizado;
- Apresentar propostas pedagógicas diversificadas acerca do corpo humano;
- Analisar as atividades escritas e as produções desenvolvidas pelos alunos durante o processo de ensino;
- Apontar desafios e potencialidades encontradas acerca do tema por parte dos professores e estudantes;

Este trabalho foi estruturado em seis partes principais. Sendo a primeira uma introdução envolvendo os temas principais da pesquisa: Sexualidade, gênero e educação com apontamentos teóricos com a finalidade de justificar esta pesquisa. A partir disso, na segunda parte apresento o Plano de Ensino elaborado e desenvolvido em conjunto com a professora Simone para a realização de minha prática docente. Descrevo todo o processo e elaboração do mesmo. Após a apresentação do Plano de Ensino dou início à descrição e análise das atividades realizadas pelos estudantes. Faço um breve desabafo de minha reflexão mais pessoal. Em seguida, apresento as minhas reflexões e considerações finais, onde discorro sobre impressões, desafios e potencialidades encontradas no desenvolvimento deste trabalho. Por fim, os apêndices com alguns documentos, imagens e atividades que achei interessante compartilhar.

2. INTRODUÇÃO:

A sexualidade faz parte de um corpo, um sujeito e suas relações, sendo assim, ela não pode ser negada. Partindo do pressuposto de que ela é construída e reconstruída a todo momento, o espaço escolar não deve (e não pode) ser visto somente como um espaço de conhecimento científico biológico. As relações e vivências proporcionadas por ele são parte fundamental da formação de um indivíduo. Na escola, principalmente pública, arrisco dizer, temos uma gama muito diversa de corpos e visões de mundo. Conseqüentemente, uma maior possibilidade de contato com realidades distintas daquelas já vividas. Tudo isso também foi dito pela pesquisadora Guacira Lopes Louro, quando, afirma que a escola além de entender sobre diferenças, distinções e desigualdades, muitas vezes é a produtora disso.

O tempo e o espaço da escola não são distribuídos e utilizados do mesmo modo por todas as pessoas, e conseqüentemente não são concebidos da mesma forma (LOURO, 1997, p.59). Preconceitos e atos de discriminação marcam os sujeitos e estão presentes na escola, em seu currículo. (FURLANI, 2008, pág. 47). Sendo assim, é evidente o surgimento das primeiras problemáticas envolvendo as (in) diferenças existentes. Por isso, os estudos acerca da sexualidade no contexto escolar vêm ganhando interesse e espaço, assumindo-se que ela está e sempre esteve presente na Escola e que pode ser vista como causa e consequência de muitas outras problemáticas e temáticas. Segundo Louro (1997), é na escola que os corpos vão ganhando novos saberes, movimentos, sentidos e começam a ser educados até mesmo em suas falas e preferências.

Compartilhando das ideias descritas acima, acredito que é nesse momento de “educação” dos corpos em que se inicia o processo de criação e/ou perpetuação de modelos-padrões vistos no espaço escolar. Muitas vezes estão relacionados com a sexualidade da criança bem como seu direito de expressão e liberdade. Um exemplo disso, é a tradicional divisão dos alunos em dois grandes grupos: o grupo das meninas e o grupo dos meninos. Os corpos aí presentes, com grande frequência são julgados e “formatados” de acordo com seus órgãos sexuais. Meninos e meninas recebem diversas demandas: desde os gostos pelos esportes, jogos, desenhos e disciplinas até mesmo pelas cores de seus materiais e mochilas. A regulação do sexo nas escolas foi uma tônica na conformação da pedagogia moderna (COSTA, 1983, apud CÉSAR, 2009). Com isso, perdemos a pluralidade do ser e nos remetemos a uma padronização, que acredito ser excludente. Com isso, perdemos a pluralidade do ser e nos remetemos a uma padronização, que acredito ser excludente. Ou seja,

aqueles, que não estão de acordo com as demandas impostas pela sociedade, são vistos e julgados como fora do padrão de normalidade. No contexto escolar, um exemplo muito corriqueiro a se falar são os casos de meninos que não gostam de futebol e meninas que gostam. Estes em questão, na maioria das vezes, vão ser excluídos pelo “grande” grupo por conta de seus gostos

Esse pensamento acima descrito pode também ser explicitado quando Louro (1997) diz que meninos e meninas aprendem desde muito cedo, brincadeiras, apelidos e gozações para se referir aqueles e aquelas que não se “ajustam” aos padrões de gênero e sexualidade aprendidos e aceitos por eles. Após as suas exclusões, estes indivíduos muitas vezes são direcionados pelos professores, coordenação e até mesmo os outros colegas a se tornarem “normais”. O que acredito ser muito preocupante, pois, faz com que a criança tenha medo de assumir sua própria identidade passando a acreditar que o que sente e faz é errado, gerando um preconceito não somente externo, mas também interno. Louro (1997) afirma:

A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades. Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de auto disciplina e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. (LOURO, 1997, pg.)

Em nossa cultura, as relações sociais de gênero são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, tornando muito estreitas as analogias entre gênero e sexualidade (Scott,1990). Os corpos ganham sentido socialmente. Para Louro, “a inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura, sendo significados e alterados por ela” (1997, s/p). Aqui me parece importante falar sobre a cultura em que estamos inseridos, que, historicamente foi e é uma cultura machista e opressora onde se têm uma relação evidente de poder entre os sexos e gêneros, existindo classe (s)

dominadora(s) e dominada(s). Para Furlani (2008) os conceitos de gênero e sexualidade devem ser vistos e compreendidos no campo da cultura e da história, sendo relacionados ao poder. Segundo Scott (1995):

“O núcleo da definição [de gênero] repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, pág. 86)

Embora a sexualidade tenha como suporte um corpo biológico, ela deve ser vista como uma construção social, uma invenção histórica. Mesmo em face a esse argumento compartilhamos do entendimento de que a biologia não precisa ser negada. Foucault (1988) ainda afirma que a sexualidade é um "dispositivo histórico", ou seja, uma invenção social, constituída a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes e produzem verdades.

Não acredito na possibilidade de isolamento de um corpo dos demais, e de um corpo com sua sexualidade, bem como suas características físicas e comportamentais. Penso que tudo isso está intimamente (e obrigatoriamente) ligado entre si, exercendo uma reação em cadeia, em que a mudança física altera a comportamental e vice-versa. Além disso, os meios e relações em que esse corpo está inserido estão constantemente o transformando em todas as suas possibilidades

Gostaria de salientar a grande mudança física e conseqüentemente psicológica e comportamental que ocorre na fase em que se encontram as crianças/jovens/adolescentes, onde, estes, muitas vezes deparam-se com novos sentimentos, vontades, desejos, medos, anseios e preferências perante os seus corpos e o corpo do outro. E segundo Scott (1995) ao abordar o gênero podemos recusar os lugares definidos para as dicotomias entre masculino e feminino, além de reconstruir os significados dos corpos, dos desejos e dos prazeres.

Com isso, é essencial o reconhecimento de que “a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (LOURO, 2007, pg 80-81). Tanto a escola quanto seu corpo docente e estudantil tendem a possuir demandas e expectativas distintas perante meninos e meninas, fazendo com que haja um direcionamento e uma doutrinação ainda que bem naturalizada e silenciosa perante as diversas possibilidades que seus

corpos podem expressar, tendo a masculinização ou feminização dos mesmos. De acordo com Louro (2000):

“Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.” (LOURO, 2000, pg 14)

Segundo Furlani, “a educação sexual deve considerar a diferença como produtiva para a vida social” (2008, pg 48). Dentro dessa perspectiva é evidente que a sexualidade sempre esteve inserida no espaço escolar, seja por meio de discursos dos professores e professoras, de estudantes, de materiais didáticos, ou, pelas relações sociais e vivências que aí existem. De acordo com Louro (2000):

“Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras” (LOURO, 2000, pág. 21).

Sendo assim, a necessidade e o comprometimento da Instituição educacional acerca dessa temática não está em inseri-la, mas sim, em como e porquê.

Por conta da relevância científica atribuída à sexualidade do corpo, a maioria das escolas vem trabalhando com discursos de profissionais como psicólogos, enfermeiros, médicos e biólogos licenciados que, supostamente, estariam autorizados, em função do status que a ciência (especialidades) tem na sociedade. Assim, “acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política” (LOURO, 2000, pg 18). E diante disto, propomos na escola, um afastamento da vivência da sexualidade, tornando-a um objeto de estudo apenas científico e não pessoal.

Para Ribeiro (2008), na escola, a ênfase é tratar a sexualidade pela aquisição de conhecimentos científicos, por meio de categorizações e descrições dos sistemas reprodutores e genitalidade. Conseqüentemente isso remete a um ensino que prevê e identifica as identidades de gênero como normais e anormais. Sendo que a identidade de gênero considerada “normal” é chamada de “cis”, alguém que “parece masculino”, em função de sua genitália, e se identifica com o papel de gênero masculino. Quando temos uma identidade de gênero “anormal” ela é considerada “trans” alguém que “parece feminino”, em função de sua genitália, e se identifica com o papel de gênero masculino, por exemplo.

Sendo a Escola uma das principais esferas sociais em que a criança é inserida fora do contexto familiar, parto do pressuposto que ela tem como papel fundamental e relevante o de receber essas diversidades de corpos e expressões de uma maneira compreensiva e acolhedora, tendo em vista a importância de se discutir e trabalhar sobre os preconceitos, tabus e valores existentes. Assim, acredito ser possível desconstruir saberes disseminados pela nossa cultura (opressora). E, talvez aqui esteja a principal e mais importante questão a ser trabalhada pela escola: a compreensão de que corpos diferentes podem e devem se expressar diferentemente.

Desta maneira, sendo uma graduanda em Licenciatura do Curso de Ciências Biológicas, procurei minorar em minha prática docente -que será apresentada posteriormente – as problemáticas e silenciamentos que encontrei no Ensino do Corpo Humano e seus sistemas “reprodutores”. Contemplando um ensino mais crítico e preocupado com as relações históricas e socioculturais existentes. Não desmerecendo o papel do Professor de Ciências e dos temas biológicos, mas sim, ampliando minha visão sobre o trabalho pedagógico relacionado à temas de ciências no contexto escolar.

2.1. Estabelecendo os primeiros contatos: Escola, professora e tema.

Acredito na importância de se questionar o porquê e para quê das coisas. Bem como o de compreender seu significado através do(s) processo(s) envolvidos. Por isso, neste momento, pretendo apresentar de uma forma bem pessoal e minuciosa como se deu o processo de criação e desenvolvimento do meu Plano de Ensino bem como a (minha) proposta de intervenção e pesquisa.

A necessidade de criação e desenvolvimento de um Plano De Ensino veio por meio de uma disciplina obrigatória do meu curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na UFSC, sendo esta disciplina chamada de Estágio

supervisionado no Ensino de Ciências. Na qual eu teria de estar acompanhando durante um período de 3 meses uma turma do Ensino Básico. Sendo que neste acompanhamento eu teria uma parte em que observaria as aulas da professora e outra em que eu estaria atuando como tal. Esta minha experiência dentro de sala seria acompanhada por um diário pessoal. Onde nele eu faria minhas observações, sentimentos perante a prática, opiniões e vivências. A escrita era bastante livre e pessoal, que tinha como intuito o de compartilhar as vivências dentro da sala de aula com os demais estudantes/estagiários de minha turma da UFSC.

Admitindo a importância da aproximação da Prática à Teoria e das Ciências Naturais como um saber significativo para a vida pessoal e social do estudante, tenho de confessar que iniciei minha experiência de Estágio Supervisionado no Ensino de Ciências com as melhores oportunidades e possibilidades possíveis. Me encontrava em uma escola Municipal da Grande Florianópolis, localizada no bairro do Ribeirão da Ilha, com uma comunidade pequena e “tradicional”, dentro de um Laboratório de Ciências, muito bem organizado e equipado.

Além disso, não posso deixar de falar a importância da Professora de Sala com quem eu estava compartilhando essa experiência, e conseqüentemente, aprendendo. Esta foi fundamental para o planejamento e desenvolvimento de minhas atividades, bem como minha postura em sala. Foi ela quem deu vida às minhas propostas e com isso colaborou de forma muito positiva em minha formação como futura professora.

O laboratório em questão era (é) utilizado por todas as turmas do colégio que o solicitam, das séries iniciais às finais do ensino fundamental. Quanto à minha vivência de Estágio, fiquei responsável por acompanhar duas turmas do 5º ano do ensino fundamental, com idade média de 10 anos, sendo o tema a ser desenvolvido o Corpo Humano e Seus sistemas com enfoque nos “reprodutores”. E, sinceramente, acho que foi neste momento de apresentação, descoberta e discussão do tema em que eu me obriguei a dar o meu melhor. É importante ressaltar que além dos já supostamente conhecidos motivos para se estudar, debater e discutir a sexualidade no contexto escolar, pontualmente nesse momento, a Escola estava passando por “situações-problemas” envolvendo essa temática. O que fez esse assunto passar de importante para urgente.

Nunca entendi o porquê das escolas, inclusive a que estudei, recorrerem a pessoas externas para trabalhar o tema sistema reprodutor e sexualidade. Afinal, como já citado anteriormente neste trabalho, o professor de

Ciências e todos os demais deveriam estar seguros e preparados para desenvolver esse saber e conhecimento dentro (e fora) da escola.

Quando cientes dessa problemática, bem como, sua importância e relevância, nós, eu e Simone, a professora, nos envolvemos e nos comprometemos a planejar e criar aulas que não teriam - ou - tentariam não ter um olhar simplista sobre o corpo. Diante disto, ainda que de forma “leiga” iniciamos o nosso planejamento de aula e ensino, e, de certa forma, nossa pequena revolução no ensino (pelo menos no nosso). Estávamos dispostas a unir as realidades, dúvidas, vivências e necessidades das crianças com todas as temáticas que o corpo humano e a sexualidade poderiam envolver. E mais do que somente a das crianças: as nossas próprias.

A partir deste momento começamos a nos deparar com as primeiras “dificuldades” envolvendo o planejamento das aulas. Porém, estas dificuldades não estavam em como fazer as aulas, ou montar o plano, mas sim com o que estávamos trabalhando. Devido a todo o nosso envolvimento pessoal com o tema, ele passou a ser de extrema importância e interesse para nós. E todo esse contexto em que nos inserimos fez com que as (futuras) aulas ganhassem uma importância ainda maior, tanto para os educandos, quanto para nós educadoras.

Desconfio que o maior obstáculo não está em como obter conhecimento, mas sim, em compartilhá-lo e propiciar novos pensamentos para o (s) outro(s). Por isso, a preocupação de como nossas aulas iriam se desenvolver foi algo muito marcante em nossas conversas e objetivos. Ou seja, conclui não somente por meio das leituras e citações já feitas em outros momentos, mas, também, por meio de nossa própria experiência, que, assim como o Currículo, o Plano de Ensino não é (deve ser) algo fixo, imóvel e intocável. Ele é totalmente adaptável e (re) adaptável.

2.2. (RE)conhecendo a turma:

Como parte da Disciplina de Estágio, eu tinha de estar dentro de sala, e não, “somente”, criando o Plano de Ensino. Então, minha vivência como estagiária/professora se iniciou em maio de 2016 com a turma 52. Esse primeiro contato aconteceu fora do laboratório em que estava inserida. Antes de iniciarmos as atividades previstas, cientes de minha presença, fui apresentada aos estudantes por intermédio da professora Simone.

No cotidiano escolar, dentro e fora da sala, constroem-se saberes, sujeitos, corpos, identidades, diferenças e hierarquias (CAMARGO &

MARIGUELA, 2007). Como consequência disto, temos o surgimento das relações de poder entre as diferentes classes aí existentes. Porém, ainda que teoricamente eu estivesse em uma posição hierárquica abaixo das professoras de sala, fui apresentada como tal, sem distinções de cargas horárias, diplomas e funções. Me concedendo total autonomia perante eles e com eles. Arrisco dizer que essa tenha sido a primeira e mais importante “prática” docente, ainda que inconsciente, envolvendo meu período de estágio. A partir dela, já se observava uma busca de igualdade e respeito perante todos dentro de um contexto social, neste caso, o da Aula de Ciências.

Apesar da apresentação mais “formalizada” nosso contato se deu de forma muito sutil, com grande receptividade e aceitação por parte do grande grupo. Minha presença causou certa inquietação e estranheza de início, porém, para uma melhor aproximação auxiliiei a Simone com a formação de pequenos grupos e distribuição das duas atividades a serem realizadas. A entrega causou certo alvoroço na sala, que foi contido somente quando Simone iniciou a leitura e explicação das mesmas. Estas atividades eram do tipo “diagnósticas”, e foram divididas em duas partes. Onde uma seria realizada com o pequeno grupo formado em sala de aula e a outra “individualmente”, junto aos responsáveis. Estas foram assim pensadas para conhecermos o perfil da turma acerca do tema, bem como o de cada indivíduo, seus conhecimentos prévios, o meio em que estavam inseridos, seus “valores” e pensamentos. E, por isso, foram elas que nortearam toda a futura sequência didática.

A interação entre os pequenos grupos não se deu muito facilmente, ainda que já tivessem o contato diário e supostamente certa intimidade. As perguntas não eram discutidas entre eles, tampouco, respondidas. Ouso dizer, que possa ser devido ao objetivo pretendido de não fazer distinções de gênero na formação dos mesmos. Entretanto, ao notarmos que o desenvolvimento das atividades não estava acontecendo de forma positiva, ou melhor, não estava acontecendo e que algumas problemáticas (já esperadas) foram notadas (como por exemplo, o medo de repreensão que tinham de falar e escrever tanto os nomes “populares” como científicos dos órgãos sexuais), foram feitas intervenções tanto de minha parte quanto da professora Simone, com o diálogo fundamentado no respeito e liberdade, a fim de instigá-los e motivá-los a serem participantes ativos. O resultado foi bastante interessante e satisfatório, porque se colocaram mais tranquilos, confiantes e dispostos.

Diante do exposto, constatei a importância de uma educação libertadora, em que o aluno tem a possibilidade de se expressar e criar pensamentos e conhecimentos de formas distintas e variadas. E quais as consequências

disso dentro do contexto escolar e social. Alterando até mesmo a relação entre educando(a)-educador(a). Por isso, esse primeiro contato não foi somente para me apresentar e nos (re)conhecermos, mas também para familiarizá-los com o tema. Posteriormente irei fazer minha análise mais detalhista e objetiva dessas atividades e algumas outras pré-selecionadas por mim e Simone.

2.3. Sexualidade no Plano de Ensino: Por quê, para quê e para quem?

“A finalidade primária da Educação Sexual: Não é a de “ensinar” muita coisa, mas de permitir que se pense sobre o tema. ” (JOSÉ ÂNGELO GAIARSA, 1986)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) definem Ciências como uma elaboração humana para a compreensão do mundo (BRASIL, 1998). Complementando essa ideia, as Diretrizes Curriculares de Ciências para o Ensino Fundamental do Paraná (PARANÁ, 2008) afirmam que o Ensino de Ciências não pode ser encarado como uma simples forma de transmissão de conceitos. Ainda com essa perspectiva, Freire (2008) afirma que mais do que transferir conhecimentos, a educação deve propiciar um modo de intervir no mundo, a partir da criticidade, ética, liberdade e respeito. Ou seja, mais do que planejar, organizar e sistematizar conteúdos, aulas e temas, nós (futuros) educadores temos de estar preocupados com o desenvolvimento, utilização e efetivação dos conhecimentos de nossos (futuros) educandos e educandas para o/no mundo.

Suplicy e colaboradores (2004) apontam que o (a) educador(a) deveria estar preparado(a) para polemizar e lidar com todas as problemáticas que envolvem o “ensino” acerca da sexualidade. Porém, a maioria continua sem subsídios/embasamentos para trabalhar essas questões socioculturais e acaba somente no enfoque biológico

Em contrapartida a essa realidade educacional tão frequente passei a me questionar de o porquê trabalhar este tema de forma distinta às “convencionais” de modo de conseguir contemplar tanto meus anseios como estudante, cidadã e futura professora. Como resposta a esse meu questionamento achei conveniente a colocação de Hornburg e Silva (2007) em que afirmam estar presentes relações de poder no currículo envolvendo os professores/administradores, professores/alunos, alunos/alunos e professores/pais com questões raciais, étnicas e de

gênero, ou seja, todas questões que envolvem o corpo e suas expressões, fazendo com que todas essas temáticas tenham de ser desenvolvidas e trabalhadas urgentemente dentro do contexto escolar, já que aí estão inseridas e sendo vivenciadas.

Para Furlani (2005) o currículo pode ser visto como um “campo de luta-conflito” entre os saberes hegemônicos e aqueles excluídos e hierarquicamente inferiorizados.

Sendo assim, o currículo não pode ser visto como algo fixo e imóvel, ao meu ver, o currículo deve estar sempre em movimento, pois ele deve estar amparado nas demandas sociais e não restrito a uma série de conteúdos e disciplinas. E, ainda que estivesse, em minha opinião, não seria uma política sócio educacional democrática. Pois, não levar em consideração as demandas dos alunos e de sua comunidade seria legitimar a escola como fonte de conhecimento científico e nada mais.

Diante disto tudo já descrito e do fato de eu estar desempenhando um papel de mediadora/professora em minha prática docente me comprometi a desenvolver um trabalho para além das salas de aulas, livros didáticos, avaliações e muros escolares. Resolvi tentar ser o melhor de mim para mim, para a educação e a sociedade em que estou inserida. Estando disposta a fazer da minha aula um espaço de questionamentos e compreensão da importância das diferenças e as relações entre elas e os preconceitos e tabus. Acho necessário considerar as ideias apresentadas por Paulo Freire (1975) e Jean Claude Forquin (cf. Silva, 2000) de que não existe ensino efetivo sem o (re)conhecimento de legitimidade do que é ensinado por parte dos que estão aprendendo.

Em minha opinião a sexualidade faz parte de um indivíduo, e este indivíduo faz parte de diferentes esferas sociais, entre elas, a escola, e nela possui relações e construções de saberes, conhecimentos e identidades. Onde, pode (e vai) se deparar com questões envolvendo preconceitos, homofobia, opressão, racismo, etc. Sendo assim, acredito que a Escola e sua “equipe técnica- responsável” têm de possibilitar um ensino crítico e possibilitador de novos olhares e pensares.

Diante do exposto, constatei que deveria trabalhar com o corpo e a sexualidade de maneira honesta, criando uma familiarização dos educandos e educandas com esta temática. Onde, pelo menos, em minha aula, eu faria o possível para que todos pudessem se sentir mais seguros e confiantes de si e de suas opiniões e expressões.

2.4. A sexualidade que não é vista na Escola:

O currículo é um artefato político e nele estão inseridos os objetivos e visões de mundo de uma determinada cultura. Porém, arrisco dizer que

essa cultura, em sua maioria, se comporta como opressora e desigual. Sendo assim, o currículo não contempla todas as demandas de uma Escola e Sociedade. Louro (1999) afirma que as marcas permanentes que carregamos e atribuímos às escolas estão intimamente ligadas às situações cotidianas e diárias nelas vivida, e não aos conteúdos programados e determinados dentro de um currículo. É nas escolas que temos parte do processo de construção de sujeitos e identidade(s).

Por isso, a preocupação diante das construções e relações se faz necessária pois assim que o estudante se forma, ele não pertence mais aquela escola. Porém, a escola sempre irá pertencê-lo por meio de suas histórias e vivências. Tudo isso que o currículo não prevê, não discute e ainda omite pode ser denominado como Currículo oculto. Ou seja, todas as relações e aprendizagens existentes dentro da Escola que silenciosamente estão inseridas dentro de um conteúdo e/ou disciplina.

A sexualidade e sua “educação” como já descrito anteriormente, está prevista nos currículos escolares, porém, também se faz presente no currículo oculto. Ao meu ver, isso acontece porque o currículo oculto é constituinte de todo e qualquer outro currículo. E também porque a sexualidade tem que ser vista como algo a ser experimentado, vivido, compartilhado e então discutido. Na tentativa de educação do corpo e sua sexualidade temos uma doutrinação e valorização do que é visto como “correto” e “normal”, onde, se tem um padrão de sexualidade, baseado nos órgãos sexuais e biológicos, ou seja, a normativa da heterossexualidade. E quem não “possui” essa sexualidade é visto como problema a ser resolvido, dentro e fora do contexto escolar. Segundo Junqueira (2010)

“Pessoas identificadas como não-heterossexuais veem-se desde cedo na mira de uma pedagogia do insulto, na qual piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes etc. se constituem poderosos mecanismos de objetivação, silenciamento, dominação simbólica, normalização, marginalização e exclusão”.(JUNQUEIRA, 2010, pg 3)

Sendo assim, não se pode negar que a escola envolve muitas questões relacionadas a preconceitos, silenciamentos e ocultamentos. Como (alguns) exemplos temos o racismo, sexismo e a homofobia. E é justamente na naturalidade das falas, gestos, demandas e expectativas da escola, currículo e professores que essas problemáticas se fixam. Mas, “é importante ressaltar que o currículo oculto não é o único a ensinar o conformismo, aprofundar e cimentar valores e crenças preconceituosas” (JUNQUEIRA, 2010, pág. 1).

3. DESENVOLVENDO O PLANO DE ENSINO E MINHA REGÊNCIA:

Minha Prática Docente ainda que dividida em duas partes (observação e regência), como já descrito anteriormente, não conseguiu ser “bem sucedida” nesse quesito, porque ambas as partes se fundiram a ponto de não conseguir distingui-las. Porém, acredito que isso tenha tornado minha experiência mais rica e produtiva porque fez com que eu me aproximasse ainda mais dos estudantes, estabelecendo uma relação de confiança e liberdade. Para fim pontual tomei como início de minha “regência” o desenvolvimento da Primeira Atividade em que participei efetivamente de seu planejamento, e isso, faz com que o período de observação se limitasse apenas ao primeiro encontro, o de apresentação com a turma.

3.1. Meu (nosso) Plano de Ensino:

Minha experiência com as turmas, bem como o desenvolvimento do plano de Ensino se daria semanalmente, durante três meses, estando incluída tanto a parte de observação quanto a parte de regência. Participei ativamente de todas as aulas referentes ao meu período de estágio. Acho importante ressaltar que devido meu ambiente de ensino estar ocorrendo fora da sala convencional, me eram concedidas 4 aulas em cada encontro, o que fez com que a preparação e o desenvolvimento das mesmas pudessem (ao meu ver) ser melhor aproveitadas. Três atividades previamente preparadas pela Simone iniciaram nosso Plano de Ensino, o que arrisco dizer ter tido um começo muito interessante, porque foram elas que nos encaminharam a todas as outras, e, de certa forma a nossa proposta de ensino em si.

Todas as atividades que constam no Plano de Ensino foram pensadas para ambas as turmas do 5 ano da Escola. Porém, para posterior análise, discussão e composição do “corpo” deste trabalho, me remeti a apenas uma delas: a Turma 52, do período vespertino, bem como suas produções e desenvolvimento das atividades. Minha escolha com essa turma não foi ao acaso e aleatória, mas sim, devido a relação pessoal criada e existente, onde, observei uma maior confiança e liberdade desta turma para comigo, e também, pelo fato, de ter conseguido um acompanhamento mais efetivo devido a distribuição das aulas, feriados e afins.

Indo ao encontro à Pedagogia proposta por Paulo Freire de que o aluno deve ser o “produtor” de seu conhecimento e não somente “consumidor”, estavam presentes em nosso plano atividades diversificadas entre si que permitiam uma maior autonomia por parte do educando. Onde estavam incluídas leituras e produções textuais, confecções livres de cartazes, desenhos, jogos, apresentações, utilização de TIC’s em aulas expositivas

e a criação de diálogos entre educador-educando e educando-educando. Abaixo apresento de forma simplificada a disposição das aulas e atividades propostas/realizadas:

Tabela 1 Encontro 1

ENCONTRO:	18/5/16
DURAÇÃO:	4 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	A problematização do Corpo Humano
OBJETIVO GERAL:	Observar através da atividade em grupo os conceitos prévios dos alunos sobre o tema corpo humano;
DESENVOLVIMENTO:	Na sala de aula os/as alunos/alunas foram divididos em trios (meninos e meninas juntos) para realizarem a primeira atividade proposta. Esta atividade- Conhecendo o meu corpo - é composta por três questões discursivas e não necessitam de conceitos aprofundados tão pouco de preocupação com certo e errado. Outra atividade - "História contada de cada um" é entregue individualmente a cada estudante para que seja realizada em casa junto a família. Aqui será produzido um cartaz para posterior apresentação envolvendo o desenho do corpo humano com os seus órgãos " sexuais" e suas funções.

Tabela 2 Encontro 2

ENCONTRO:	25/5/16
DURAÇÃO:	4 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	Uma nova visão do Corpo Humano
OBJETIVO GERAL:	Introduzir novos conceitos e saberes; questionar sobre os desenhos e iniciar uma conversa teórica acerca do tema
DESENVOLVIMENTO:	Após a apresentação de todos os grupos, será feito um debate oral entre professoras e alunos/alunas, com explicações e novos saberes. Os cartazes serão anexados no corredor da escola.

Tabela 3 Encontro 3

ENCONTRO:	1/6/16
DURAÇÃO:	4 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	Desmitificando padrões e entendendo os diferentes tipos de corpos.
OBJETIVO GERAL:	A partir das respostas escritas e discutidas em sala abordar os diferentes tipos de corpo existentes; discutir padrões de corpo; construir um cartaz com imagens selecionadas e coladas pelos/pelas alunos/alunas com os diferentes tipos de corpos; identificar preconceitos e começar um processo de discussão e desconstrução do mesmo.
DESENVOLVIMENTO:	Na sala de laboratório os/as alunos/alunas serão divididos (as) em grupos novamente para a confecção de um novo cartaz, os grupos terão de escolher entre revistas, jornais, catálogos (disponibilizados) imagens de diferentes tipos de corpos, pessoas, estilos e fazer uma colagem dessas imagens, o grupo terá de criar e escolher uma frase criativa a partir do tema “diferentes tipos de corpos” para o seu cartaz.

Tabela 4 Encontro 4

ENCONTRO:	15/6/16
DURAÇÃO:	4 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	Eu como eu sou
OBJETIVO GERAL:	Visualizar as diferenças existentes dentro da própria sala de aula; Problematizar uma auto - conhecimento; produzir e incentivar a auto - reflexão e Também a produção textual
DESENVOLVIMENTO:	A aula terá uma problematização inicial lembrando as apresentações feitas anteriormente e os pontos discutidos sobre as diferenças e igualdades entre as pessoas. Após a problematização os/as alunos/alunas receberão uma folha de PAPEL A4 para elaborarem a atividade proposta: Fazer um auto - retrato (como eu sou - como eu me vejo) e escrever um texto dizendo o quê eles gostam em si mesmos, o que não gostam e o porquê disso.

Tabela 5 Encontro 5

ENCONTRO:	22/6/16
DURAÇÃO:	2 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	O bullying no Espaço Escolar
OBJETIVO GERAL:	Discutir sobre problemas enfrentados na escola e quais brincadeiras envolvem esses problemas; Apresentar um vídeo sobre bullying na escola
DESENVOLVIMENTO:	A aula se inicia com os/as alunos/alunas sendo questionados (as) sobre alguns fatos que podem (acontecem) acontecer dentro do espaço escola e com a ajuda de um vídeo visualizam um exemplo dessa temática, sendo eles/elas, por hora, apenas observadores(as). Após o vídeo a professora contará uma história ilustrada contrapondo o vídeo, com o título de “Na minha escola não tem bullying”

Tabela 6 Encontro 6

ENCONTRO:	7/6/16
DURAÇÃO:	4 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	O bullying como consequência das diferenças
OBJETIVO GERAL:	Problematizar o bullying; conscientizar os/as alunos/alunas em questão ao respeito na escola e fora dela; discutir as consequências do bullying; Incentivar a auto-reflexão; incentivar a produção textual
DESENVOLVIMENTO:	Na aula inicia-se um debate sobre o vídeo visto anteriormente, onde os/as alunos/alunas serão questionados (as) sobre sua opinião e posição. Após a discussão, uma contação de história ilustrada “Na minha escola não tem bullying”. A atividade proposta é que os/as alunos/alunas terão de fazer uma produção textual criando um fim para o vídeo visto - “A peste da Janice”.

Tabela 7 Encontro 7

ENCONTRO:	13/7/16
DURAÇÃO:	4 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	Meu corpo, minha história, meu gênero, meu sexo
OBJETIVO GERAL:	Contextualizar através da literatura infantil e de vídeo o conceito de gênero; tornar lúdico o aprendizado de possíveis diferenças entre coisas de meninos e coisas de menina; Discutir preconceitos sobre estereótipos de corpos e gêneros; Diferenciar sexo, sexualidade e gênero de forma simples e natural.
DESENVOLVIMENTO:	As professoras organizarão a turma em um grande círculo, onde irão, começar a didática da contação de história' do livro - Tal pai, tal filho. Após a leitura os/as alunos/alunas irão assistir um vídeo (que problematiza a questão de gênero). Em seguida, serão dispostas três caixas de sapatos. Escritas: coisas de menino, coisas de menina e coisas de todo mundo. E, com as professoras terão cartões já confeccionados contendo coisas em geral (desenhos, jogos, objetos) e cada aluno/aluna receberá um cartão e terá de depositá-lo na caixa que achar mais conveniente ao que está escrito no cartão. Após, todos/todas terem colocado seus cartões em uma das caixas. Juntos, professoras, alunas e alunos irão tirar cartão por cartão e discutir o porque dele ter sido inserido naquela caixa e se aquilo está realmente correto. Após essa discussão envolvendo o jogo, os/as alunos/alunas irão confeccionar o grande cartaz "eu, tu, nós, eles, todos." Que será anexado no corredor da escola.

Tabela 8 Encontro 8

ENCONTRO:	7/20/2016
DURAÇÃO:	4 aulas (45 minutos)
TEMA DA AULA:	O nascimento do meu personagem e seu funcionamento
OBJETIVO GERAL:	Compreender a relação da sexualidade com o corpo através das histórias pessoais escritas de cada um (atividade realizada anteriormente); identificar o desenvolvimento e as mudanças ocorrentes no corpo; entender que histórias diferentes, criam sujeitos diferentes. Naturalizar a(s) expressão(ões) da sexualidade e compreender a importância de cada corpo.
DESENVOLVIMENTO:	Em círculo as professoras irão realizar uma segunda “contação de história”, porém, desta vez, são as histórias escritas pelos próprios alunos/alunas e seus pais ou responsáveis. Após a leitura e discussão entre as diferenças e diversidades encontradas, criarão uma nova história com um personagem (fictício). Sendo assim, esse personagem terá uma história de vida, corpo, órgãos, sexualidade, gênero... e ele será construído a partir do coletivo dos alunos e ganhará vida em um cartaz.

Entendendo a importância das expressões, experimentações, vivências e realidades de cada um/uma dos/das envolvidos(as) é importante salientar que o plano aqui apresentado não foi uma produção pontual, mas sim, um processo de muita construção e desconstrução. Ele foi pensado e repensado muitas vezes. Pois, como já descrito anteriormente, as primeiras atividades foram as que nortearam todo o restante, portanto, o desenvolvimento delas foi de extrema importância para todo o processo.

3.2. Construindo meu objeto de estudo e compreendendo minha análise:

Como já descrito anteriormente na apresentação e objetivos, minha pesquisa se delineou tendo como foco as análises das atividades realizadas e desenvolvidas pelos estudantes do 5 ano de uma Escola Básica do Município de Florianópolis com o tema do Corpo Humano, focando nos sistemas “reprodutores” e sua sexualidade. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa

“Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, pág. 34).

Neste contexto, considereei como atividades realizadas e desenvolvidas, não somente, as partes finais e “físicas”, mas todas as ações, gestos e relações concretas realizadas pelos/pelas estudantes durante o processo, agregando suas demandas e conhecimentos como parte fundamental e positiva do mesmo. Permitindo assim, uma melhor aproximação e possível compreensão do contexto em que estavam inseridos e deles próprios. De acordo com Goldenberg (2000, pg. 69) “o ato de compreender o objeto estudado está ligado ao universo existencial humano”.

Sendo assim, a minha principal intenção estava em conhecer aqueles e aquelas com quem eu estava desenvolvendo meu trabalho, para então, ser possível analisá-los de acordo com os meus olhares e vivências. Tentando compreender o porquê de suas produções e criações terem determinado “fim”. É importante considerar que as interpretações referentes ao processo de pesquisa são específicas e pertencentes ao “universo” investigado, onde estão inseridos os/as estudantes, Simone e eu. Preocupando-se então com os aspectos vividos e reais baseados nas dinâmicas de nossas relações.

Para tal análise e pesquisa selecionei sete das atividades realizadas durante os três meses de Estágio, sendo elas:

- “História contada de Cada Um”
- “Como eu acho que é o meu corpo? e como ele funciona?”
- “Conhecendo o meu corpo”
- “Contação de história - Tal pai tal filho”
- “Escrita do fim do conto - A peste da janice”

- “Escrita sobre o Bullyng”
- “Auto retrato - o que mais gosto e o que menos gosto em mim”

A escolha por estas atividades se deu pela capacidade de instigar e fazer com que os alunos e alunas saíssem de sua zona de conforto, problematizando os casos e lhes causando certo estranhamento. Sendo que todas elas envolveram a escrita, mas com diferentes gêneros e intuitos, bem como, diferentes respostas. E a partir delas busco significar o que está escrito no papel.

Buscando estabelecer relações entre os discursos escritos e os meios socioculturais em que estão inseridos, e quais, poderiam ser modificados/alterados de acordo com a alteração dos meios. Ou seja, se de alguma forma, minha prática docente poderia alterar as suas produções, escritas, discursos e construção de identidades. A proposta de utilizar as minhas possíveis e diversificadas leituras/interpretações pretende contrapor e argumentar com fundamentações teóricas que obtive de tantas outras leituras no decorrer de todo o processo de crescimento pessoal, do estágio e desta Pesquisa.

4. MINHA LEITURA

4.1. História contada de Cada um:

Esta foi de fato a primeira atividade (fig. 1) realizada e desenvolvida pelos Educandos(as), porém, em conjunto com seus/suas responsáveis, ou seja, no âmbito familiar. Tendo como objetivo justamente a aproximação entre a Escola - Estudante – Família - Professoras. Fazendo com que eu tivesse conhecimento acerca do contexto em que eles estavam inseridos.

Figura 1 Atividade "Historia Contada De Cada Um"

LABORATÓRIO ESCOLAR DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Senhores pais ou responsáveis, estamos trabalhando conceitos sobre o corpo humano nas aulas de ciências da natureza e gostaríamos de fazer uma pesquisa familiar para entendermos melhor nossa história. Esta atividade deverá ser desenvolvida com os pais ou responsáveis em conjunto com o estudante, é importante que aconteça uma conversa e o registro pode ser feito em formato de uma história ou carta. Se quiserem podem anexar fotografias.

HISTÓRIA CONTADA DE CADA UM

Gostaríamos que descrevessem aspectos interessantes e importantes desde a gestação da criança até detalhes sobre seu desenvolvimento:

Gestação: Quando e como seus pais descobriram a gravidez e sua chegada? Qual idade eles tinham? Teve alguma particularidade na gestação? Fatos interessantes ou problemas de saúde? Como foi o parto? Que horas e que dia da semana? Teve alguma fato diferente?

Nascimento: A que horas foi o parto? Com quantos centímetro e peso nasceu?

Desenvolvimento: Como foi a amamentação? Até quanto tempo mamou? Quando nasceu seu primeiro dente? Como e quando começou a andar e falar? Tem alguma marca de nascença? O tenho de semelhante com meus familiares? (características físicas ou psicológicas). Teve algum fato interessante quando era pequeno? Teve alguma doença? Já fez alguma cirurgia? Vocês podem escrever fatos que considerem interessantes que queiram relatar. *(caso necessite pode utilizar o verso da folha)*

Atenciosamente

Simone Ribeiro (Laboratório Escolar de Ciências).

Fonte: Dados da pesquisa

Além do intuito de aproximar essas duas esferas sociais (Escola e família), esta atividade tenta sutilmente introduzir a temática da

Sexualidade com a criança. Indo ao encontro com as palavras de Martelli (2011) quando afirma que:

“Considerando a família como primeiro local de educação sexual, cabe aos professores e às professoras abordarem a sexualidade a partir das imagens e das representações trazidas pelas crianças e pelos adolescentes, as quais são carregadas de significados e percepções construídas no convívio familiar” (MARTELLI, 2011, pág. 5)

Porém, em contraposição às falas de recriminação naturalizadas nas vozes de alguns/algumas professores (as) relacionando a sexualidade com prevenção e responsabilidade, ao produzir sua “HISTÓRIA CONTADA” tivemos a pretensão de que o/a aluno (a) entendesse que ele/ela faz parte de uma expressão da sexualidade, de um desejo e prazer do corpo de seus pais. Ou seja, de mostrar que a sexualidade está presente dentro de casa. A partir dos textos e do “diálogo” construído entre mim e as famílias interpretei como a Escola, e nesse momento, em especial, Eu e Simone, precisávamos trabalhar a sexualidade embasadas no intercâmbio de ideias, questionamentos, posições e valores entre essas duas esferas e, em hipótese nenhuma, em julgamentos ou discriminações.

Muitas vezes, as Famílias podem influenciar de modo “negativo” para a construção e expressão da sexualidade da Criança, seja por meio de repreensões, crenças religiosas, exigências ou falta de tolerância. Sendo assim, a Escola pode e deve ser um espaço em que se possibilita a criação de novos olhares e questionamentos, que irão ultrapassar as salas de aulas. E, por isso a nossa preocupação em tentar conhecer por meio das histórias contadas de cada um o contexto familiar de nossas crianças.

E assim, concordo com Foucault, quando afirma que, “[...] a família se tenha tornado, a partir do século XVIII, lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor; que a sexualidade tenha, como ponto privilegiado de eclosão, a família” (FOUCAULT, 2005, p. 103).

Para tal análise tive de reler todas as escritas produzidas pela turma. E, diante de tantas histórias de vida, fui tendo alguns recortes que de alguma maneira ajudaram a constatar e confirmar as problemáticas que envolvem essa pesquisa e o Corpo Humano.

“A história contada de cada um” como já mencionado foi produzida em conjunto com a família, sendo que algumas foram escritas pelos/pelas responsáveis (em primeira pessoa) e outras pelos próprios/próprias estudantes (em primeira ou terceira pessoa). Destes recortes que fiz, organizei-os de acordo com alguns questionamentos e levantamentos feitos por mim, tentando agrupar diferentes histórias, porém, com discursos parecidos. A seguir tenho os recortes feitos a partir das criações

textuais. Sendo que os recortes não foram nomeados, a fim de proteger a exposição desnecessária das crianças.

1) Primeiro conjunto: A Fé/crença e Religião

“Mas graças a deus tudo deu certo, eu cresci, meu pai está comigo até hoje e amo toda a minha família.” (ANÔNIMO, 2016)

“Mas com muita oração e ajuda da família eu nasci com 40 semanas de gestação, no parto minha mãe achando que ia morrer ou que eu viria com algum problema de saúde, pois teve que tomar muitos medicamentos na gravidez” (ANÔNIMO, 2016)

“Nasci perfeita graças a Deus, sem nenhum sinal de nascença” (ANÔNIMO, 2016)

“Hoje tenho um problema de saúde, tenho vitiligo há dois anos, faço tratamento, mas está estacionando graças a Deus” (ANÔNIMO, 2016)

“Entre esse meio tempo o Bruninho ganhou um padrasto que cuida dele desde os três anos, e mesmo com tantas mudanças em nossas vidas, hoje Deus nos abençoou pois ele ganhou três avôs, dois avôs, dois pais, mais tios, primos...” (ANÔNIMO, 2016)

“Um filho maravilhoso, educado, amoroso, esperto, detalhista, curioso, presente de Deus” (ANÔNIMO, 2016)

Diante dos recortes acima pude constatar alguns fatores bastante relevantes em relação ao modo como as famílias podem se posicionar e relacionar com a sexualidade do corpo, suas expressões e “educação”. Em todos os discursos temos a presença muito forte de alguma Crença/fé/religião. Onde, ao meu ver, muitas vezes pode estar atrelada a uma regularização dos corpos.

Segundo Watanabe (2005) o “sujeito religioso” é o protagonista de sua religiosidade, é o ator histórico da sua religião e emprega em seu cotidiano um sistema de crenças que foram propagadas, porém, não o faz sem modificações, recriando-o para sua própria experiência. Foucault observa

que mecanismos específicos de conhecimento e poder centrados no sexo se conjugam, desde o século XVIII, através de uma variedade de práticas sociais e técnicas de poder, produzindo discursos normativos sobre a sexualidade das mulheres e das crianças e classificando perversões sexuais. A partir do momento que constato a religião como “parte” integrante dessa sociedade, consigo prever e compreender alguns discursos e também “valores” encontrados na sala de aula.

2) Segundo Conjunto: O Corpo Físico

Ainda que o tema em que mais me pautei tenha sido a Sexualidade do corpo, ele, envolve muitas outras problemáticas, estando presente entre elas, a padronização dos modelos de “beleza” e as diferenças físicas existentes. Parto da ideia de que que ambas estejam relacionadas, porque, o Corpo com suas formas, peculiaridades e exclusividades também faz com que as sexualidades sejam expressas e experimentadas.

Porém, neste momento, tive como eixo principal de análise os preconceitos referentes aos padrões de beleza e a relação deles com os corpos, bem como suas possíveis consequências para o indivíduo e sua família.

“Tenho o jeito da minha mãe e pareço fisicamente com meu pai, também dizem que sou parecida com minha irmã, tive uma infância saudável com muito lazer e diversão” (ANÔNIMO, 2016)

Com esta fala acima inicia-se um primeiro contato com o Corpo “visto”, ou seja, o corpo com suas características físicas e expressões, a maneira como ele se desenvolve e se forma: Como ele é visto e lembrado, tanto para quem o pertence quanto para quem o vê. Aqui, acredito ter um dos primeiros indícios de como os espaços em que estamos inseridos nos influenciam e transformam, bem como, as pessoas que aí estão. A fala “tenho o jeito da minha mãe” faz com que eu reflita e chegue a uma opinião em que digo, que este, em seu âmbito familiar deve ter maior tempo de relação e convívio com sua mãe, onde, seus gestos e falas são reflexos de incorporações feitas naturalmente.

“Aos 7 anos fez uma cirurgia, correção na orelha pois eram abanas e um dia voltou da escola perguntando o que era “Dumbo” e então decidimos fazer jovem para não sofrer Bullying” (ANÔNIMO, 2016)

“Ele era bem gordinho, era bem engraçadinho, eu colocava ele em uma cadeira de papai e Felipe ali ficava o tempo todo quietinho” (ANÔNIMO, 2016)

Já nestes dois recortes tem-se a presença da importância e significado da forma que este corpo possui, revelando certos padrões a serem seguidos e como estes podem afetar e influenciar a vida pessoal e social de um indivíduo. De “marcas” físicas passamos a ter “marcas” pessoais e psicológicas que podem ser causa de tantos outros problemas. A padronização do Corpo e os ditos “feios e bonitos” podem ser causa de bullying e, como citado na própria história, estará presente no âmbito Escolar.

Os corpos são rotulados em adjetivos, ganhando novos nomes e significados. Todo o sujeito e seu corpo se resumem a uma determinada característica física, perdendo todos os outros sentidos que possui. Onde esta, possivelmente foi vista e tida como “fora do padrão”. Louro (2000) afirma que, de qualquer forma, investimos muito nos corpos, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos e morais dos grupos a que pertencemos.

Outro ponto bastante importante foi a percepção que tive referente à Importância que as figuras familiares exercem nas crianças, como confirmação disto, tenho a escrita de uma mãe que narra a história de seu filho:

“Quando eu era pequeno sempre era paparicado pela minha irmã que ajudou a cuidar de mim para minha mãe poder ir trabalhar, sou muito parecido com minha mãe e um pouco com meu pai, sei que não é muito fácil o autismo, mas hoje eu sei que tem pessoas que me amam muito” (ANÔNIMO, 2016)

Aqui nesta fala, acho importante ressaltar a existência (novamente) das características físicas, bem como, uma ideia do Autismo como “dificuldade” a ser enfrentada, e que, por isso, a família se faz tão importante.

3) Terceiro conjunto: Qual o sexo e o gênero?

“Descobriu que estava grávida, aí ficaram muito felizes, mais felizes ainda quando souberam que ia ser outra menina, e aí começou todo o preparo para me aguardar” (ANÔNIMO, 2016)

“Minha mãe com 25 anos e meu pai aos 2 anos tiveram a notícia da gravidez, com 4 meses de gestação confirmou MENINO, o nome já estava escolhido pelos dois” (ANÔNIMO, 2016)

Estes dois recortes, ao meu ver, poderiam gerar toda a discussão e pesquisa deste meu trabalho. Porque com eles tive a constatação das padronizações, expectativas, demandas e singularizações que (nós) nossa cultura possui diante de uma “simples” gravidez, principalmente, diante da ideia do sexo da criança.

A partir da resposta tem-se todo um planejamento de espera que envolve o nome, as cores, as roupas, as decorações e preocupações. Os pais, família e sociedade pré-determinam o que são coisas de menino e o que são coisas de menina para os/as filhos/as. E, por isso, a necessidade de se saber o sexo antes mesmo do nascimento porque a partir dele, sutilmente (ou não) temos o início da regularização da identidade da criança, tanto de sua identidade sexual quanto de gênero.

Ainda que a existência de cores, roupas e decorações “neutras” tenha se disfarçado em um discurso “politicamente correto”, estas, na verdade, nada mais são, do que a confirmação da não neutralidade e não pluralidade diante das possibilidades do ser de uma criança. Sendo assim, complemento minha opinião com as palavras de Furlani (2005) quando diz que as preferências não são meras características oriundas do corpo biológico, são construções sociais e históricas.

Ou seja, os gostos e preferências não são embutidos e naturalizados de acordo com o sexo biológico, estes não nasceram no parto, não são pré-determinados, mas sim, construídos de acordo com as vivências e experimentações de cada um.

Para um fim ilustrativo de como inconscientemente se têm sempre um planejamento e expectativa perante uma gravidez, segue a seguir mais um trecho dos textos analisados:

“Karyna (mãe) conheceu Leonardo (pai) em seu serviço e tinha 28 anos, começaram como amigos e em pouco tempo já eram namorados e planejaram a tão sonhada gravidez” (ANÔNIMO, 2016)

Aqui mesmo que não explicitamente, ao meu ver, esta fala carrega consigo outros dizeres subentendidos. Acredito que “conjuntamente” com o sonho e planejamento da gravidez venha a preferência por determinado

sexo. Seja para “brincar de casinha” com a mãe ou para “jogar futebol” com o pai.

Um ponto importante de minha análise foi a percepção de como a maior parte das escritas e produções textuais se limitaram às perguntas da atividade, sendo que, estas serviriam somente como um “norteamento” para o desenvolvimento da mesma. E isso fez com que muitas das “História contada de cada um” tenham se resumido as perguntas que fiz (Fig. 2).

Figura 2 Escrita da Atividade História Contada de Cada Um

A minha história é assim...

- ① QUANDO A MÃE FEZ O EXAME CHEGOU EM CASA FALOU PARA O MEU PAI
- ② A MÃE 38 E O PAI 29
- ③ NÃO TEVE
- ④ NADA
- ⑤ CESARIANA
- ⑥ 7:30 SEXTA-FEIRA
- ⑦ NÃO TEVE
- ⑧ 49 CMT, 5 K
- ⑨ NORMAL ATÉ 6 MESES
- ⑩ COM 1 ANO
- ⑪ ANDAR COM 9 MESES E FALAR COM 12 E 3^{as}
- ⑫ NÃO
- ⑬ COM A MÃE CAPELO, OLHO CASTANHO PELE MORENA

Um exemplo de como algumas produções foram muito direcionadas às perguntas feitas, onde, o tema não conseguiu ser explorado de maneira tão positiva e rica. Fonte: Dados da pesquisa

Outra constatação importante é o de que esta atividade teve de ser muitas vezes lembrada de sua entrega. Não consigo afirmar com segurança o porquê disso, porém, tenho a suposição que seja por conta da necessidade de se fazer em conjunto dos pais e/ou responsáveis. Entretanto, não estou os culpabilizando, mas isso pode ser devido a falta de iniciativa da criança em pedir que eles o fizessem juntos.

Ainda que (in)conscientemente a atividade conseguiu ultrapassar o limite envolvendo a gestação. Esta também envolveu o corpo e sua sexualidade como mostrado com os recortes acima. “A história contada de cada um”

teve um importante significado para mim, porque, foram feitas relações com o tema, conseguindo contemplar muitas das temáticas que eu mesma já tinha pensado como “emergenciais” dentro do ensino do Corpo Humano.

4.2. Como eu acho que é o meu corpo? E como ele funciona?

Esta atividade (Fig.3) foi desenvolvida a partir dos conhecimentos prévios dos/das estudantes a modo que pudessem ter produções mais criativas.

Figura 3 Atividade “Como eu acho que é meu corpo?”



ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BATISTA PEREIRA
“Transformando através do saber”

Estudantes: _____

Turma _____ data _____.

LABORATÓRIO ESCOLAR DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Como eu acho que é meu corpo? E como ele funciona?

Com a turma dividida em seis grupos (a professora fará a divisão): Cada grupo será sorteado para fazer um desenho do corpo de uma pessoa em tamanho grande. Cada desenho deverá conter todas as partes e órgãos que vocês consideram que estejam envolvidos nas diversas fases da reprodução humana, além do desenho precisam explicar como imaginam que ocorra o processo de reprodução e todos os fatores que o influenciam. Os grupos irão apresentar para toda a turma suas conclusões e explicação do processo e do desenho.

Três grupos – Corpo de uma pessoa do sexo feminino
 Três grupos – Corpo de uma pessoa do sexo masculino

Fonte: Dados da Pesquisa

Ainda que tenha uma aparência mais tradicional e embasada na sistematização do corpo, esta foi realizada justamente para contrapor com as outras e para que o/a estudante pudesse demonstrar quais as suas visões perante o corpo, quais as relações que ele possuía bem como suas “funções”. A elaboração dos cartazes foi capaz de gerar muitos outros debates, como por exemplo, etnia, raça e cor de pele. Onde, ao meu ver, muitos conceitos e preconceitos foram trabalhados e discutidos, e de certa forma, superados. Principalmente em relação ao conceito de “cor de pele” porque muitos(as) estudantes de princípio tinham se recusado em pintar seus personagens com a cor marrom, porque afirmavam que essa cor não era cor de pele. Porém, quando questionados qual cor era a cor de pele,

conseguiram entender que estavam utilizando uma fala errada e que, na verdade, estavam reproduzindo discursos preconceituosos.

Outro ponto trabalhado nesta atividade foi a apresentação oral, onde, estes se mostraram muito preocupados, nervosos e aflitos ao terem de falar em frente da turma, porém, quando perguntados ao fim de todas as apresentações como estavam se sentindo, a turma (toda), respondeu positivamente e já estavam perguntando quando seria a próxima. Ou seja, foi uma maneira de trabalharmos a fala em público, bem como o diálogo. Como o trabalho foi realizado sem nenhum auxílio teórico das professoras, nem de material pedagógico, muitos conceitos foram ditos errados em meio às apresentações, bem como alguns “processos” envolvendo a reprodução e os órgãos sexuais. Nas apresentações também se teve um discurso muito “romantizado” dando muita ênfase para o sexo “consciente” e moralmente “correto”.

4.3. Contação de história “Tal pai, tal filho?”

Esta atividade foi proposta com o objetivo de promover uma desestabilização e reflexão sobre o que é direito de menino e o que é direito de menina, bem como, quais os papéis “cabíveis” para cada um. Ou melhor dizendo, a partir de uma leitura crítica, problematizar as divisões existentes na sociedade de acordo com o sexo biológico, bem como a discussão de gênero.

Onde a problematização se inicia com a leitura do livro de Georgina Martins - “Tal pai, tal filho?” Acreditando na importância de pôr-se no lugar do outro, com essa leitura, os(as) alunos(as) tiveram de fazer uma produção textual (Fig.4) tendo como intuito o de aproximar a história do livro à realidade deles, onde pudessem refletir sobre outras situações similares; possibilitando novos empoderamentos e compreensões de que ser menino ou ser menina não impede ninguém de ser nada (ou tudo). Não sendo possível compreender as diferenças entre meninos e meninas de acordo somente com a anatomia e fisiologia dos mesmos e tampouco utilizá-las como justificativa para as relações e identidades de gênero na sociedade.

Figura 4 Atividade “Contação de história”

Contação de história "Tal pai, tal filho?"

Georgina Martins, ilustrações de Sergio Serrano. Coleção do-ré-mi-fá, editora scipione

"O grande sonho daquele garoto era se tornar bailarino. Mas o pai, valentão e turrão como ele só, não podia conceber tal ideia. Para ele, dançar não era 'coisa de homem'. Mas a determinação do menino era tanta, que nem a reprovação do pai o fez abandonar seu desejo. Num estilo que se assemelha ao cordel, 'Tal Pai, Tal Filho?' aborda o tema do preconceito e da intolerância de uma maneira delicada e muito sensível."



Nasci na madrugada do dia oito de junho de 1900 e antigamente, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Sou filha de uma contadora de histórias com um fazedor de brinquedos que, muito provavelmente, deve estar construindo casinhas e carrinhos para as crianças do mundo da fantasia. Por causa deles peguei esse gosto de contar e de inventar histórias (texto escrito pela autora no blog).

Como Georgina Martins, convidamos vocês a inventar e escrever como agiria se estivesse no lugar:

- da Mãe do menino.
 - do Pai do menino.
 - do menino.
 -
1. Você deve escrever um texto contando como agiria no lugar de cada um dos personagens do livro citado acima (folha com pauta):

Fonte: Dados da pesquisa

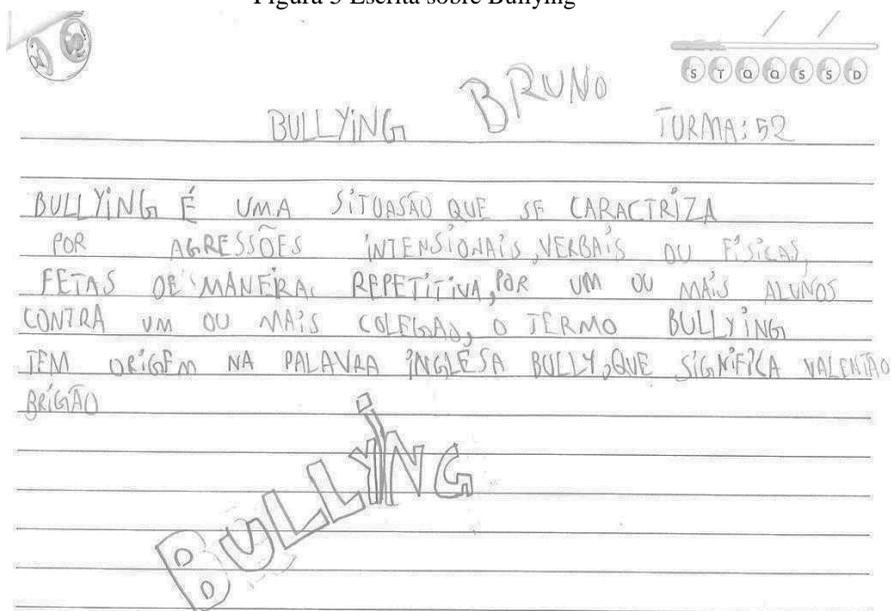
Esta atividade em questão foi bastante provocadora e desestabilizou muitos conceitos e padrões acerca do que se espera de meninos e o que se espera de meninas. Mas, não sei se por estar trabalhando justamente a quebra desses valores e doutrinações, as falas e discursos se mantiveram em geral embasadas no “livre arbítrio” de ser o que quiser ser, independente do sexo biológico ou gênero.

Quando colocados nas três posições diferentes, todos tinham como posição a de se colocar a favor do menino poder ser o que ele queria. Porém, não acredito que todos tenham realmente esse pensamento, pois, em referência a muitos comentários e discursos em sala de aula, foi possível observar contradições entre escritas - gestos - falas.

4.4. Escrita sobre o Bullying:

Esta proposta (Fig.5) inicialmente não tinha sido pensada e tampouco incluída no Plano de Ensino pelas professoras. No entanto, se fez presente devido a uma demanda da turma, que estava passando por situações que envolviam brincadeiras não respeitadas, e de certa forma, preocupantes, durante a fase de meu Estágio. Sendo assim, fizemos a relação necessária entre Bullying e o que já vinha sendo desenvolvido acerca do Corpo para trabalharmos com ambos de forma harmoniosa e objetiva.

Figura 5 Escrita sobre Bullying



Fonte: Dados da Pesquisa

Ainda que tenha muita relação com o corpo e sexualidade, esta problemática envolve muitas outras questões e não “somente” estas. Diante disto, esta atividade surgiu objetivando proporcionar um primeiro contato com o tema, aproximando Eu e Simone do conhecimento prévio das crianças, bem como, seus possíveis posicionamentos. Isto se deu a partir de uma produção textual de cunho livre, onde, as crianças teriam de responder uma questão central: “O que é Bullying?”

“Bullying é um anglicismo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica repetidos e praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação de poder” (ANÔNIMO)

Nesta fala acho importante ressaltar o uso da expressão “Relação de poder” que é muito discutida nas ideias de Foucault, onde este afirma, que toda relação social possui uma relação de poder e conseqüentemente posições hierárquicas diferentes. Sendo uma delas subordinada a outra. Na sociedade em que fazemos parte existem situações que separam os diferentes grupos socioculturais em espaços diferenciados, onde somente os considerados iguais têm acesso. As referidas relações podem envolver o sexo, gênero, classe social, etnia, etc. E neste recorte acima o Bullying é visto como consequência de determinada relação de poder.

“O bullying significa grupo de violências que se referem às formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivos de serem exercidas por um ou mais grupos causando dor e angústia com objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa que não tem possibilidade ou capacidade de se defender” (ANÔNIMO)

“O bullying é um crime previsto em lei que deve ser denunciado” (ANÔNIMO)

“O termo Bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.” (ANÔNIMO)

“Bullying é um ato caracterizado pela violência física ou psicológica de forma intencional e continuada, de um indivíduo ou grupo contra outros indivíduos ou grupos, sem motivo claro” (ANÔNIMO)

Destaco aqui que todos esses foram feitos de produções distintas, porém, assumo que, estas não foram criadas e tampouco tiveram uma escrita muito pessoal, diante da constatação do uso de termos técnicos e comuns entre si, bem como, o modo como as ideias foram organizadas. Sendo assim, ainda que tivessem a liberdade de escrita, argumentação e posicionamento perante o tema, muitos optaram pela pesquisa direcionada à pergunta, sem se preocupar com o seu próprio conhecimento prévio (Fig.6).

Figura 6 Atividade sobre Bullying

QUAIS SÃO OS TIPOS DE BULLYING?

O Bullying é praticado de diversas maneiras e a gravidade depende também do comportamento de sua vítima. Como exemplo, sua ação pode ser:

- *física:* empurrar, socar, chutar, beliscar, bater;
- *verbal:* apelidar, xingar, insultar, zoar;
- *materiais:* destruir, estragar, furtar, roubar;
- *moral:* difamar, disseminar rumores, caluniar;
- *psicológica:* ignorar, excluir, isolar, perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, tyrantizar, chantagear, manipular, ameaçar, discriminar, ridicularizar;
- *sexual:* assediar, induzir e/ou abusar; e
- *virtual:* divulgar imagens, criar comunidades, enviar mensagens, invadir a privacidade (cyberbullying – bullying praticado por meio da internet e de celulares, geralmente de forma anônima.)

- Bullying
 - O que é Bullying?
 - O que não é Bullying?
 - Onde ocorre?
 - Quais são os tipos de Bullying?
 - Quem são os envolvidos?
 - Quais são as consequências?
 - Como evitar?
 - O que fazer para ajudar a vítima?

Cite o seu site grátis

- Folder - Bullying
- Questionário sobre Bullying
- Frases Anti-bullying
- Valores para a vida
- Livro de Visitas
- Comentários

Mais uma constatação de que algumas atividades foram realizadas de forma mais "mecânica", menos criativa e pessoal.

Fonte: dados da pesquisa

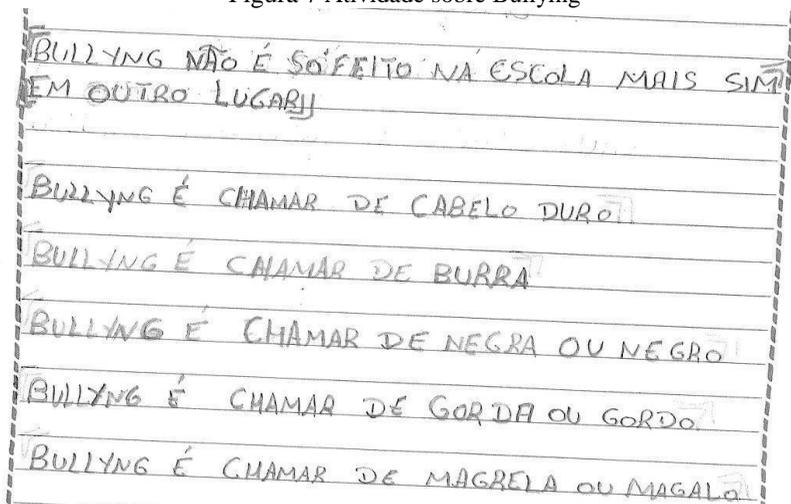
Porém, assim como alguns se remeteram somente a responder o que lhes foi perguntado, outros, foram muito além, e é isso que faz com que eu acredite na importância de se trabalhar diferentes maneiras dentro de uma sala de aula, a fim de despertar curiosidade e interesse do maior número de estudantes possível. Também de possibilitar diferentes formas de expressão aos estudantes.

“O bullying é quando alguém faz com que as pessoas riem de você, por exemplo: Uma menina é Novata na escola e ela gosta de fazer amigos, só que tem um problema, tem um grupo de garotas mandando e-mail dizendo coisas ruins sobre ela para ela não fazer amigos. As garotas também mandavam mensagem de texto para a menina novata dizendo que não querem ela no grupo das garotas. Viu, isso é bullying”

Em oposição aos outros recortes, este acima, me parece ter uma escrita mais pessoal, onde, a criança tem a preocupação até mesmo de exemplificar o bullying, o que é bastante enriquecedor para mim, porque ela mesma já relaciona o Âmbito Escolar com ele.

Acredito que esta atividade tenha sido geradora de muitos debates, reflexões e posicionamentos. Sendo ela parte fundamental de todo o desenvolvimento de meu trabalho, porque fez uma relação muito importante entre as possibilidades de ser e como estas devem de ser respeitadas, ou melhor, compreendidas e vistas. Enfatizando na compreensão da existência de diferentes tipos de corpos e de suas expressões (Fig. 7). Tendo em vista que, não existe certo ou errado, melhor ou pior. Mas que justamente são as diferenças que nos fazem únicos. E, por isso, devemos de compreendê-las.

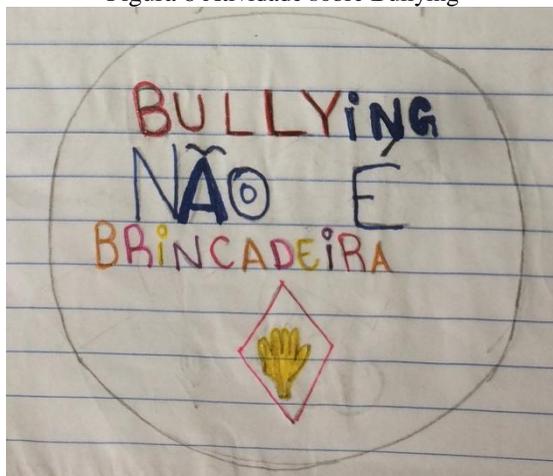
Figura 7 Atividade sobre Bullying



Com estas frases e escrita fica evidente as relações entre o Corpo, suas características físicas e o Bullying. Evidenciando a importância de se trabalhar não somente Os Sistemas do Corpo Humano, mas todas as suas possíveis relações com o meio ambiente, social e cultural inserido.

Fonte: dados da pesquisa.

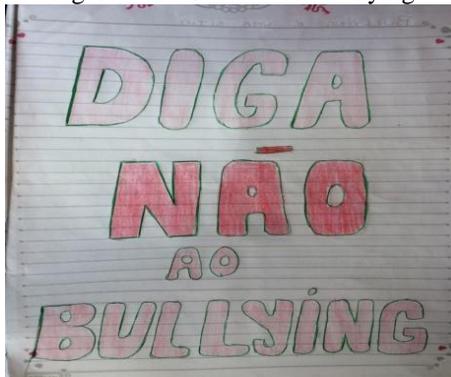
Figura 8 Atividade sobre Bullying



Posicionamento do indivíduo em relação a prática do Bullying.

Fonte Dados da Pesquisa

Figura 9 Atividade sobre Bullying



Com este posicionamento acredito que as aulas tenham tido um papel fundamental para um entendimento mais amplo do que é o Bullying e quais são suas consequências.

Fonte: Dados da Pesquisa

4.5. Escrita do fim do conto - A peste da Janice:

Os recursos midiáticos têm desempenhado um papel pedagógico-cultural muito importante, sendo muito utilizados para a divulgação de problemáticas envolvendo o sexo, gênero, corpo e preconceitos. Como complemento da atividade anterior e continuação do tema tivemos a contextualização e problematização com o uso de um Vídeo chamado “A peste da Janice”¹ que está disponível no youtube e explicita a existência do Bullying dentro do contexto escolar com preconceitos criados por conta da aparência física e classe social de determinada estudante.

Acredito que ter utilizado este tipo de mídia tenha sido bastante proveitoso porque todos(as) demonstraram bastante interesse enquanto assistiam, e foi observada uma reflexão e discussão voluntária logo após o término do vídeo. Os comentários se iniciaram naturalmente bem como as opiniões formadas e tantas outras que seriam e estavam sendo (trans) formadas também.

Sendo assim, a inquietação da turma foi bastante perceptível. Alguns se demonstraram muito emocionados, tristes e outros um tanto quanto indignados com o vídeo. Ainda que a grande maioria da turma tenha se

¹ Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=povo9wCtITo>

posicionado “contra” o que foi visto, inicialmente, não tinham refletido o suficiente a ponto de entenderem que a “ficção” estava retratando parte do cotidiano deles.

Com isso, a mídia utilizada nos permitiu trabalhar novamente com a escrita dos/das estudantes, ainda que, de forma distinta das anteriores. Entretanto, por meio desta escrita, tivemos a intenção de sensibiliza-los (as) com a possibilidade de criação de novos fins e novas histórias para o conto visto.

Apesar de terem se mostrado muito interessados e motivados durante toda a aula, a parte da produção textual não se deu muito facilmente, porque, grande parte dos/das estudantes estavam somente reescrevendo o que foi visto. Por isso, Simone e Eu, intervimos momentaneamente na produção dessa atividade, criando diálogos com a fim de explicar qual o real objetivo de nossa proposta e como poderiam pensar a respeito dela.

O fim do vídeo remete a duas opções de escolhas, porém, a partir de cada uma delas se tem a possibilidade de múltiplas consequências, e com isso, de histórias e perspectivas diferentes, me permitindo uma rica análise. Nossa intervenção com questionamentos e perguntas se deu diante dessas duas possibilidades e com elas notei que as crianças se sentiram mais confiantes na questão de compreensão do que estávamos pedindo, e por isso, se permitiram então criar as suas escritas (Fig. 10,11,12).

Figura 10 Composição de escritas sobre o conto "a peste da Janice"

A PESTE DA JANICE

QUANDO VIRGINIA PEGOU A REGUA TODAS AS MENINHAS ESPERAVAM QUE ELA ACABOU DE COMEÇAR (E) ACABOU DE TERMINAR COM A PESTE DA JANICE, AI (E) ELA LACRYMAS MAS AS OUTRAS MENINHAS CONTINUARAM E QUANDO ELA COMEÇOU A CRESCER ELA VIROU UMA ADOLESCENTE REBELE E ELA COMEÇOU A FAZER BULLYING COM TODO O MUNDO E ELA COMEÇOU A FICAR REVOLTA, E COMEÇOU A ROUBAR E MATAR. E É ISSO QUE PODE SER QUE ACONTEÇA COM AS PESSOAS QUE SOFREM BULLYING.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 11 Composição de escritas sobre o conto "a peste da Janice"

O Final do filme "A peste da Janice":

Então tudo que estava ali espera que a qual memória passou na "A peste da Janice" então a Janice está chorando e chorando do mal e então a menina como ela se aborreceram quando sabe por que a Janice estava chorando enquanto ela as outras meninas do sala dela ficaram pensando das duas enquanto que Janice estava por que estava chorando de tristeza da sala chorando então a menina Janice chorava e estava no sala e saiu.

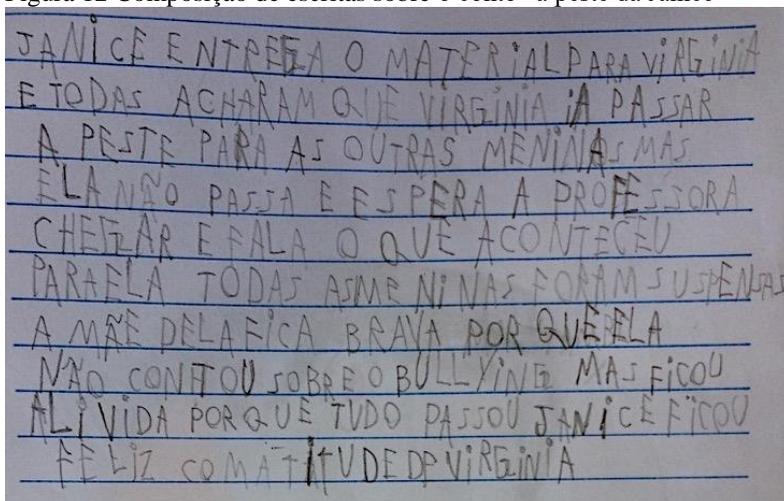
- Você acredita que aconteceu?
 - Não acredito que isso aconteceu com você?

Então tudo mesmo assim:

- Não.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 12 Composição de escritas sobre o conto "a peste da Janice"



Fonte: Dados da pesquisa

Com estes posicionamentos, escritas e também comportamentos posteriores dos/das estudantes a esta atividade, acredito que nossa proposta pedagógica e intervenção tenha exercido influência (positiva) em suas opiniões, gestos e falas. Porque estes foram muito questionados sobre como se sentiriam e reagiriam perante a um fato deste e a mudança dentro da sala de aula foi quase que imediata. Diante disto, acredito que tenha ocorrido uma sensibilização efetiva e um entendimento da necessidade de rever algumas brincadeiras, palavras e pensamentos para com a outra pessoa, seu corpo e sua maneira de se expressar.

4.6. Conhecendo o meu corpo:

Tendo em vista tudo que já foi descrito anteriormente em relação ao Espaço escolar, as relações pessoais nele existentes e a reprodução de discursos normativos e reguladores. Tivemos como objetivo desta atividade (Fig. 13) a de nos inteirarmos e aproximarmos dos discursos utilizados por eles/elas em relação às possíveis diferenças entre meninos e meninas. Para então, introduzirmos os conhecimentos sobre Sexo, Gênero, sexualidade e a partir daí, discorrer, discutir e desconstruir “conceitos” e “saberes” envolvendo o Corpo.

Figura 13 Atividade “Conhecendo meu corpo”



ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BATISTA PEREIRA
 “Transformando através do saber”

Estudantes: _____, _____

Turma _____ data _____.

LABORATÓRIO ESCOLAR DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Conhecendo o meu corpo

Em duplas (preferencialmente um menino e uma menina), leiam, pensem, discutam e depois registrem suas conclusões e argumentos sobre as seguintes questões:

1. Quais características físicas diferenciam os meninos das meninas?

2. Quais características comportamentais diferenciam os meninos das meninas?

3. Você considera que exista muitas diferenças entre meninos e meninas?
 Comente:

Fonte: Dados da Pesquisa

É importante ressaltar que após o desenvolvimento desta atividade, em meio às análises, nós mesmas, Simone e eu, percebemos que nossas perguntas foram tendenciosas, onde, ainda que de forma "silenciada", como de costume, nós, possamos ter induzido a determinadas respostas e reproduzido discursos normativos. Como, por exemplo, quando perguntamos quais as características comportamentais que diferenciam meninos e meninas. Nesta questão, temos claramente, a diferença de expectativa e demanda perante um/uma estudante/criança de acordo com seu sexo biológico (feminino ou masculino), bem como o discurso heteronormativo existente, ainda que na tentativa de superar os discursos normativos o tenhamos reproduzidos, acredito, que isto também tenha sido parte positiva e construtiva do trabalho.

Segundo Butler (2003), a heteronormatividade é a regulação da prática heterossexual, imposta como norma não apenas cultural, mas também, biológica, se constituindo como uma “ordem compulsória do sexo/gênero/desejo. Diante desta fala, acredito que seja mais fácil compreender que culturalmente já estamos acostumados a criar expectativas de acordo com as características biológicas do indivíduo. E, por isso, a necessidade de se trabalhar com essa desconstrução de saber. Referente a este fato, ainda julgo necessário falar que esta nossa percepção só foi possível após diversas leituras e embasamentos teóricos. Para o desenvolvimento desta atividade foi necessária intervenção da parte da Simone e minha, a modo de que o medo de punição e recriminação não existisse na sala de aula. Os educandos e educandas estavam muito tímidos (as) perante as perguntas e não interagem entre si, porém, após a (des) construção de alguns “tabus”, como por exemplo, quando um estudante falou: “Mas se eu falar este nome, vou para a direção” “este nome” se refere ao órgão genital masculino (Pênis), ou seja, os preconceitos e valores que cercam esse tema podem ser os responsáveis por tal silenciamento em sala de aula.

Entretanto, após o diálogo entre nós e todos os educandos e educandas, a discussão se tornou muito rica, envolvendo questões de gênero, sexo, sexualidade, tabus e preconceitos.

Esta atividade foi bastante reveladora e de certa forma foi o que enriqueceu minha pesquisa e constatou a necessidade de trabalharmos novos discursos envolvendo o Corpo, sexualidade e construção de identidades. Como confirmação disto fiz recortes de algumas atividades e respostas que seguem a seguir:

Figura 14 Escrita da Atividade Conhecendo meu corpo

2. Quais características comportamentais diferenciam os meninos das meninas?

Meninos: atirados, desarrumados
Meninas: arrumadas, comportadas.

Fonte: Dados da Pesquisa

Figura 15 Escrita da Atividade Conhecendo meu corpo

2. Quais características comportamentais diferenciam os meninos das meninas?

As meninas são mais comportadas e os meninos são barulhentos.

Fonte: Dados da Pesquisa

Figura 16 Escrita da Atividade Conhecendo meu corpo

2. Quais características comportamentais diferenciam os meninos das meninas?

Algumas meninas são quietas e outras não.
Alguns meninos são mais agitados e outros não.

Fonte: Dados da Pesquisa

Aqui fica evidente a problemática existente entre sexo e gênero. Onde o discurso doutrinário se faz presente com a existência de demandas e caracterizações que fazem referência a indivíduos de acordo com o ser “menino” ou ser “menina”. Fica subentendido entre linhas também como as meninas “podem” e “devem” ter comportamentos diferentes dos meninos, pelo simples fato de serem meninas. Onde se fala até mesmo de ser “arrumada” ou não. Onde aqui, já podemos observar um discurso

repreensivo e opressor em relação às meninas, onde, aquelas que não sejam “ mais comportadas” estejam fora dos padrões ditos “normais”.

Figura 17 Escrita da Atividade Conhecendo meu corpo

1. Quais características físicas diferenciam os meninos das meninas?

Unhas, parte íntima, penis, sãos
vários comportamentos são mais
calpa pelos no peito

Fonte: Dados da Pesquisa

Figura 18 Escrita da Atividade Conhecendo meu corpo

1. Quais características físicas diferenciam os meninos das meninas?

Homens tem pelos no peito
MULHERES tem o estilo mais afeminado
F. PARTES ÍNTIMAS DIFERENTES, PENIS, VAGINA, SCIOS

Fonte: Dados da Pesquisa

Com estas escritas mais uma vez fica evidenciado os “padrões” a serem seguidos de acordo com o sexo biológico. Quando citam “unhas” como características diferentes entre meninos e meninas, estes, não falam da unha em si, porque estão cientes de que todos possuem. Mas, sim, das unhas pintadas e grandes, que culturalmente e socialmente faz parte da “feminilidade” da menina/mulher, sendo parte dela e sendo parte do ser menina/mulher, não fazendo parte do ser menino/homem. Ainda, que um menino/homem possa gostar e querer de fazer suas unhas, isso não vai ser caracterizado como “coisa normal” de seu “sexo”, por isso, muito provavelmente, sofrerá uma tentativa de normatização diante de um discurso heteronormativo.

Com base nestas respostas e também nas falas ditas dentro de sala de aula, ficou evidente como temos a distinção muito forte entre os poderes e deveres de meninos e meninas, inclusive, por eles mesmos. E isso, é mais um fator me leva a concluir a influência que os meios exercem sobre a construção do Sujeito. E, por isso, mais uma vez, resalto a importância de se discutir livremente acerca disto dentro de uma sala de aula.

4.7. Auto retrato - o que mais gosto e o que menos gosto em mim:

Esta atividade se deu como um fechamento de todo que foi discutido anteriormente, com o intuito de fazer com que os educandos e educandas,

dessa vez, não olhassem para o outro, não tivessem que se colocar no lugar do outro. Mas sim, olhar para si, se autoanalisar e retratar. Onde ao olhar-se para si próprio após tantas discussões acerca das diferenças, acerca dos corpos e de suas diversas possibilidades. Esta se dividiu em duas etapas, onde, na primeira teriam que se auto retratar a partir de um desenho (Fig. 19, 20, 21 e 22), e a segunda, onde teriam de escrever sobre o que mais gostavam em seus corpos, o que menos gostavam e o porquê.

Figura 19 Desenho da Atividade “Auto retrato”



Fonte: Dados da Pesquisa

Figura 20 Desenho da Atividade “Auto retrato”



Fonte: Dados da Pesquisa

Figura 21 Desenho da Atividade “Auto retrato”



Fonte: Dados da Pesquisa

Figura 22 Desenho da Atividade “Auto retrato”



Fonte: Dados da Pesquisa

A parte mais artística gerou bastante euforia e entusiasmo, ainda que, reclamando da dificuldade de se desenhar. Alguns pediram para se ver no espelho, outros para bater fotos, o que pode demonstrar a falta de olhar para si mesmo, de se gostar. A Parte escrita não foi muito produtiva e não consegui ter uma análise muito enriquecedora com o tema, porque, das poucas escritas que tenho, a maioria discorre sobre coisas que gostam de fazer, ou seja, ações, jogos e brincadeiras. E não sobre o que gostam em si e o que não gostam, tendo uma grande confusão entre entender o que faz parte de si e o que faz parte dos gostos e escolhas (Fig. 23 e 24). Nesta aula eu e a professora Simone também nos desenhamos no quadro da sala e isso fez com que eles se sentissem ainda mais eufóricos e felizes.

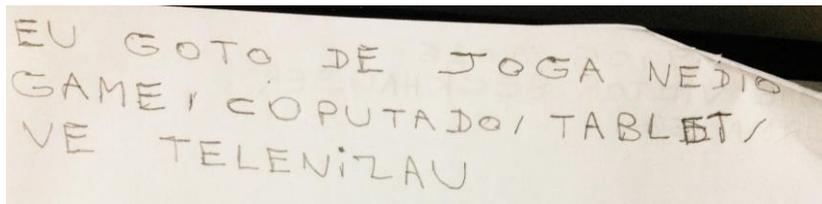
Figura 23 Escrita da Atividade “O que eu gosto e o que eu não gosto em mim”

TEXTO
 EU GOSTO DE BRINCAR,
 DE COMIDA, DA BATE-SEBOLA, BAPAMA,
 MAMÃOS, E OUTRAS COISAS, E NÃO
 GOSTO DO MEU CORPO DA MINHA
 VÓS SÓ ISSO, E QUE EU GOSTO.
 DO MEU CORPO, DE TUDO MENOS
 MINHA VÓS, EU SOU INVERGONHOSSO.
 POR QUE; DE EU PICHAR, APRESENTANDO
 NA FREITE, DO QUADRO, EU GOSTO.
 DA MINHA CABEÇA, DA MINHA BOCA,
 E DO MEU NARIZ.

Aqui fica evidente a confusão entre o que se pede. Nesta escrita se fala em coisas que o sujeito gosta de fazer e somente no fim e muito brevemente sobre coisas que gosta ou não em si mesmo, em seu corpo.

Fonte: dados da Pesquisa

Figura 24 Escrita da Atividade “O que eu gosto e o que eu não gosto em mim”



Esta escrita evidencia mais um caso de confusão entre o corpo e as preferências desse corpo.

Fonte: Dados da Pesquisa

5. QUAIS AS MINHAS INFLUÊNCIAS, COMO EU ME VI E COMO EU QUERO SER VISTA?

O interesse pelas aulas foi crescendo em conjunto. Com o passar das semanas meu envolvimento com a turma e Estágio não se restringia somente aos dias em que eu estava na Escola, ele passou a ser diário. Eu realmente pensava nas crianças, nas atividades e em como estávamos desenvolvendo-as. Ainda que paralelamente eu estivesse com um semestre cheio de disciplinas e ocupações, cada dia mais eu queria fazer parte daquilo e fazer mais daquilo (Ensino). Diante disto, não tem como negar ou fugir do que estava acontecendo. Eu estava redescobrando o Ensino de Ciências, eu estava me (re)encantando por ele. Porém, não mais como aluna, agora como aprendiz de Professora, e possivelmente futura. Parte da experiência aqui descrita não demonstra o mínimo da importância e o impacto que ela teve em minha vida. Assim como uma professora de minha Escola teve inconscientemente a responsabilidade de minha escolha pelo meu Curso de Graduação, este estágio teve a responsabilidade de querer tornar-me uma. Justamente por eu ter tido uma vivência totalmente distinta daquela que todos costumam pensar, imaginar e falar. Foi por isso que decidi acreditar na educação infantil e no poder que ela exerce na sociedade. Por ter tido um convívio com a Professora Simone, que é muito envolvida e disposta a fazer diferente que eu entendi que ainda que poucos, são esses(as), os/as que temos de nos inspirar e ser. Esses(as), que estão “escondidos(as)” em escolas, salas de aulas, laboratórios de Ciências... Esses(as) que educam porque acreditam em seu papel de transformação. E ainda bem que eu encontrei uma dessas, que por mais ciente das dificuldades, ainda sim, dá o seu melhor para o melhor de seus educandos (as), e conseqüentemente, a sociedade em que está inserida. Em seguida como complemento dessa minha fala seguem algumas reflexões.

6. REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES:

Reservo este momento para fazer algumas considerações que acredito serem importantes. Para isso, vou de encontro ao objetivo geral deste trabalho que era o de analisar o desenvolvimento das atividades realizadas acerca do corpo humano. A partir dele, surgiram objetivos mais específicos como: Compreender a importância de um Ensino menos sistematizado, apresentar propostas pedagógicas diferenciadas e apontar os desafios e potencialidades encontradas de ambas as partes (estudantes e professoras).

A partir de outras pesquisas e autores citados anteriormente, é possível confirmar que a sexualidade e o corpo humano ainda são em grande maioria trabalhados de forma sistematizada e reguladora, construindo e reforçando “valores” socioculturais a partir de conceitos biológicos. Esta afirmação tive a oportunidade de vivenciar em minhas aulas, quando observei discursos naturalmente embasados na divisão de papéis entre meninas e meninos, levando em consideração somente o “sexo biológico” dos corpos. Onde, o preconceito e a discriminação foram bastante notórias juntamente com as doutrinações comportamentais e físicas, e que, quando um discurso se destoava desses tão comuns, consegui constatar que o âmbito familiar era diferente do dos demais. “Essas heranças culturais são transmitidas pela sociedade, ou seja, pela família, pelos amigos e pela escola. O que não quer dizer que sejam verdades, se entrarmos fundo no estudo da sexualidade humana” (BIAGIO, 2005, p. 33). Percebi que tradicionalmente os educandos dividem “coisas de meninos” e “coisas de meninas” de acordo com as cores, personagens e movimentos do corpo. Fazendo com que a temática gênero já esteja intrinsecamente relacionada em seu cotidiano escolar. E isso faz com que a “educação”, ou melhor dizendo, o diálogo e conversa sobre gênero tenha de estar presente paralelamente ao corpo e sua sexualidade. Diante disto, em minha opinião, uma grande dificuldade enfrentada no trabalho com a sexualidade está exatamente nos preconceitos e tabus gerados nos âmbitos sociais, inclusive familiar e escolar.

Sendo assim, com base em minhas análises e vivência, assumo que o Ensino do Corpo Humano e a sexualidade pode (e deve) ser desenvolvido de maneira distinta ao que vêm sendo encontrado na maioria das Escolas. Porque quando optei por não “sistematizar” o Ensino do Corpo humano tive respostas muito positivas em relação a (des) construção de saberes, falas, gestos e brincadeiras. Em que assumo ter sido possível pela discussão dos diversos temas, como por exemplo: o racismo, sexismo,

bullying e a homofobia. Que a partir deles se teve a compreensão sobre o direito e possibilidade do outro ser diferente.

Como relata Furlani (2009) a demanda estudantil, a vontade e a necessidade de falar, mostra que temáticas pertinentes à educação em sexualidade ultrapassam as disciplinas e os conteúdos pedagógicos, simplesmente porque são constituintes dos sujeitos e de suas identidades. Neste sentido, acredito que minha experiência mostra-se importante por apresentar possibilidade(s) de desconstruir certos modelos pedagógicos/educativos. Entendendo que toda desconstrução, é, na verdade, reconstrução. Acreditando na possibilidade de atrelar a ciência com as demandas sociais uso como complemento o conceito que Fourez utiliza para as ciências:

“De certo modo, as ciências podem ser vistas como tecnologias intelectuais que permitem atuar no mundo. Com efeito, os modelos científicos são maneiras de representar o estado das coisas de tal forma que se possa atuar sobre elas e comunicar-se com respeito às mesmas. (Fourez, 1998, p.51) ”

Outro ponto crucial de minha prática foi a percepção da urgência e necessidade de se estudar e discutir acerca das problemáticas socioculturais existentes envolvendo o sexo e gênero (raça e etnia) nas Escolas e Aulas de Ciências (e todas as outras), mas, primeiramente, dentro de todos os cursos de graduação, principalmente, nos que formam e formarão Educadores. Acredito que assim como eu, muitos e muitas que estão dispostos/dispostas a tentar fazer uma Educação diferente com essa temática não tiveram subsídios o suficiente dentro de sua formação acadêmica para isso. “Mais do que nunca nos percebemos vulneráveis, sem qualquer preparo para enfrentar os choques e desafios que aparecem em toda parte” (LOURO, 2008, p. 41). Entendo que só é possível ensinar aquilo que se conhece e “domina”. Por isso, arrisco dizer que para uma mudança no Ensino Básico é necessário uma mudança no Ensino superior, caso contrário, continuaremos com as conhecidas e “ultrapassadas” aulas de ciências com seus sistemas “reprodutores” e suas funções, e sendo assim, não podemos culpabilizar o professor(a) por essa falha, mas sim, reconhecer a carência que estes possuem em suas formações e políticas educacionais. Com isso, vou ao encontro a ideia de Nunes e Silva (2000, p.65) quando dizem que : “Ainda não temos oportunidades institucionais suficientes e condições materiais efetivas

para preparar os professores(as) que irão assumir os trabalhos escolares em sexualidade humana”

Durante toda a minha prática me preocupei em saber os nomes de meus educandos para então atendê-los de forma mais pessoal. Busquei conhecer os porquês de suas criações e escritas. E isso fez com que tivéssemos uma aproximação muito sincera, real e efetiva que acredito ter ligação direta com a evolução positiva que observei na maneira como eles passaram a participar das aulas, expor suas opiniões, apresentar seus trabalhos e a lidar com o tema. Que aliás, quando iniciado lhes causava bastante constrangimento, vergonha e risadas, quando não o silenciamento absoluto por medo de recriação e punição por parte das professoras e de mim. Porém, com o passar das aulas já estavam sendo utilizados naturalmente em suas falas, escritas e apresentações.

Esse comportamento evidencia a marginalização e vulgarização que a sexualidade do corpo possui em nossa sociedade e cultura, e por isso, a importância de se rever os discursos dentro de uma sala de aula, que é um espaço possível de mudança para as crianças. Foucault (2005), já afirmava que o poder disciplinar controla e regula os corpos em suas atividades ao invés de atuar de forma livre e espontânea sobre os seus impulsos e desejos, produzindo assim corpos “dóceis” (ou não).

Sendo assim, acredito que a resposta da turma perante a minha presença/vivência/prática/regência tenha sido bastante positiva, achando importante ressaltar que em um processo gradativo das aulas fui sendo solicitada diretamente pelos grupos no processo de criação de seus trabalhos e atividades, a fim de que eu opinasse e lhes ajudasse, me concedendo confiança e credibilidade, às vezes, mais do que a própria professora de sala, que era “velha conhecida” deles. Com isso tive a constatação da importância e eficácia de conhecer-se ao outro e criar relações baseadas no diálogo, respeito e amizade.

Em relação às atividades pude identificar que cada uma teve uma resposta diferente, bem como uma análise, e isso fez com que o processo como um todo tenha sido altamente enriquecedor. Algumas serviram para uma (re)construção imediata de novos saberes e pensares, porém, outras, não foram compreendidas em sua essência, e acredito terem sido realizadas apenas pelo “dever” de realizar. Entretanto, ainda que, não tenham contemplado diretamente os MEUS objetivos específicos, não posso afirmar que não tenham sido significativas como parte da construção desses indivíduos. Porque, todas elas, envolveram muita discussão, e ainda que, na folha de papel o aluno não tenha se expressado de “maneira correta”, ou seja, da maneira que eu esperava, não quer dizer, que ele não tenha se apropriado ou dado significado a elas.

Refletindo sobre todo processo de desenvolvimento e o que já foi descrito, acredito ter contemplado todos os objetivos que constam neste trabalho. Porque ainda que perante muitas dificuldades e limitações, como por exemplo, a pontualidade de minha presença e prática, a restrição de aulas e horários para a produção e desenvolvimento das atividades foi possível trabalhar uma abordagem NÃO determinista com o tema, e para além disso, atividades capazes de proporcionar liberdade de expressão e criação com as crianças.

A diversidade e amplitude que chegaram as atividades foi bastante revelador, porém, é necessário evidenciar a dificuldade encontrada em se trabalhar com o tema. Como cada atividade tinha que ser muito bem pensada, bem como seus objetivos e possíveis respostas. Por se tratar de um Tema muito silenciado e coberto de preconceitos, valores e tabus, ele exerce muita sensibilidade e percepção para ser trabalhado. Além do próprio tema já ter suas pequenas limitações ou preocupações. A Instituição também possui, bem como os Pais/responsáveis dos estudantes e das estudantes e o próprio corpo docente.

Ainda que ciente de não ter (trans) formado nenhum(a) em um indivíduo totalmente despido de preconceitos e com total compreensão e aceitação acerca de sua(s) e de outra(s) sexualidade(s) faço aqui minha ressalva de que as aulas ainda que sutis serviram para repensar, rever e utilizar novos conceitos e visões de mundo. Ou seja, acredito fielmente na eficácia de um ensino pluralista, livre e crítico. E também na importância da problematização e inserção no contexto do/da estudante, de saber um pouco de cada um e conhecer suas influências e valores. E que mais importante do que discutir “certo” e “errado” é criar a possibilidade de novos olhares e compreensões acerca daquilo que é (des) conhecido para eles.

Ciente de que novos questionamentos, perspectivas e ideais surgiram entre os diversos momentos de desenvolvimento- análise-reflexão, concluo que este trabalho não possa ser tido como um ciclo fechado e completo. Ele foi muito além de uma simples produção e pré-requisito universitário. Foi um despertar para a educação através dela mesma. Por seu encantamento e significação. E por isso ele é um ciclo sem fim, onde o fim já é um novo começo e vice-versa. E por meio desta minha experiência e pesquisa espero poder despertar tantas outras pessoas também. Seja universitário (a), professor(a), estudioso(a), pesquisador(a) ... seja quem for e como for. Porque, afinal, independente das profissões, departamentos estudantis, classes, sexo e gênero. Somos todos corpos que se expressam e se relacionam. Sendo assim, esta minha escrita como Professora/estagiária fala de mim, mas também fala de você. Ela fala de

nós, por nós e para nós. Por isso, espero que tenha despertado outras reflexões que não necessita ter sentido único, mas espero que entre tantos, tenhas encontrado o seu.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998. 436p.

BRITZMAN, D. P. **O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, n. 21(1), p.71-96, jan./jun. 1996.

CAMARGO, A. de; MARIGUELLA, M. Cotidiano escolar. Piracicaba: Jacintha, 2007

CARVALHO, M. de. **Avaliação escolar, gênero e raça**. Campinas: Papyrus, 2009.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DE BIAGIO, R. **Meninas de azul, meninos de rosa**. Revista Criança, n. 40, Ministério da Educação, set. 2005, p. 33-37.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. v. 3

FOUREZ, G. **Saber Sobre Nuestros Saberes: un léxico epistemológico para la enseñanza**. Traducción: Elsa Gómez de Sarría. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1998. 200p

FORQUIN, J. **O currículo entre o relativismo e o universalismo**. Educação & Sociedade, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Porto: Afrontamento, 1975

FURLANI, J. **Educação sexual na Escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Florianópolis, UDESC, 2008.179p.

FURLANI, J. **Encarar o desafio da educação sexual na escola.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba: SEED. 2009, p. 37-48.

FURLANI, J. **O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis.** Porto Alegre, 2005.

FEMENÍAS, M. L. Judith Butler: **Introducción a su lectura.** Buenos Aires: Catálogos, 2003.

GAIARSA, J. Â. **Poder e prazer: o livro negro da família, do amor e do sexo.** São Paulo: Agora, 1986.

GIROUX, H. McLAREN, P. **Por uma pedagogia crítica da representação.** In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A F. (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Petrópolis: Vozes, 1995

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

HORNBURG, N. SILVA, R. **Teorias sobre currículo: uma análise para compreensão e mudança,** 2007.

JUNQUEIRA, R. **Currículo, cotidiano escolar e heteronormatividade em relatos de professoras da rede pública.** Diásporas, diversidade, deslocamentos. Florianópolis,2010.

LOURO, G. (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999

LOURO, G. **Currículo, gênero e sexualidade. O “normal”, o “diferente” o “excêntrico”.** In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (org.) **Corpo, gênero e**

sexualidade. Um debate contemporâneo na educação. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LOURO, G. **Sexualidade, gênero e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 9ª ed, Petrópolis: Vozes, 2007, p. 80-81.

LOURO, G. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva** — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MARTELLI, A. **Orientação sexual: possibilidades e desafios. II Simpósio internacional de educação sexual.** Maringá, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, C.; SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2000.

PARANÁ, **Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de ciências para o ensino fundamental.** (2008). Curitiba: SEED.

RIBEIRO, P. R. (Re) **Pensando outras possibilidades de discutir a sexualidade na escola.** In: RIBEIRO, Paula Regina Costa, RIZZA, Juliana Lapa, MAGALHÃES, Joanalira Corpes, QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Educação e Sexualidade: identidade, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia...** 2ª ed, Rio Grande: Editora da FURG, 2008.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. 48ª edição / 49ª reimpressão. Tradução por Dom Marcos Barbosa. 93 páginas.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. Jul./dez., 1995.

SCOTT, J.W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

Watanabe THB. **Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil.** Revista de Estudos da Religião. 2005;1: 15–30.

Apêndice 1 - Declaração da Instituição:

Declaração:

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, e como representante legal da Escola Básica Municipal Batista Pereira, tomei conhecimento do projeto de Pesquisa: “ Da prática a Teoria: Uma experiência acerca do Corpo Humano no Ensino de Ciências” , e cumprirei os termos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto, autorizo a sua execução nos termos propostos.

Florianópolis, _/_____/_____

Assinatura:

Nome:

Cargo:

Carimbo do/a responsável.

Apêndice 2 - Termo de consentimento Livre e Esclarecido:

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, 18 de maio de 2016

Senhores pais, responsáveis e estudantes,

Sou Ana Luiza Horstmann de Castilhos, aluna do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e estou fazendo a Disciplina de Estágio Obrigatório no Ensino de Ciências, a qual estarei acompanhando seu/sua filha durante os próximos três meses nas aulas de laboratório de ciências.

Esta minha experiência irá fazer parte do meu trabalho de conclusão de curso (TCC) cujo título é: Da prática a teoria: Uma experiência acerca do Corpo Humano No Ensino de Ciências. E através deste documento gostaria de sua permissão para que seu/sua filho/filha ou estudante sob sua responsabilidade participe deste projeto de pesquisa, onde utilizarei as atividades desenvolvidas por eles/elas durante meu período de estágio. Onde tenho como objetivo o de analisar estas atividades produzidas a fim de perceber qual a influência e efetividade que estas tiveram perante o ensino-aprendizagem da turma.

Desde já, afirmo que os nomes e imagens dos/das participantes não serão divulgados no projeto, tampouco suas atividades serão divulgadas em outro meio que não o meu trabalho de conclusão de curso (TCC) e possíveis publicações científicas-culturais.

Neste termo cabe ressaltar que o projeto é orientador pela Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Dra. Patricia Montanari Giraldi e coorientado pela Professora da Escola Básica Municipal Batista Pereira, Simone dos Santos Ribeiro.

Desde já agradecemos sua colaboração.

Atenciosamente,

Ana Luiza Horstmann de Castilhos

Dra. Patricia Montanari Giraldi

Simone Pereira dos Santos

Florianópolis, _____ de _____ de 2016

Eu, _____, CPF, _____
_____ responsável pelo(a) estudante _____

_____, autorizo a acadêmica Ana Luiza Horstmann de Castilhos do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a utilizar os materiais escritos do/da referido/referida estudante em seu trabalho de conclusão de curso: Da prática a teoria: Uma experiência acerca do corpo humano, estando ciente de que em nenhum momento seu nome e/ou imagem serão divulgados neste trabalho.

Eu, _____
_____, aluno(a) do 5 ano, turma 52, desta instituição de ensino, estou ciente e aceito participar deste projeto, sendo permitida a minha saída, caso seja meu desejo.

Apêndice 3 - Minha Historia Contada

Meu nome é Ana Luiza Horstmann de Castilhos. Quando eu fui descoberta minha mãe tinha 22 anos e meu pai 29. Os dois estavam casados há 5 anos, ficaram muito felizes mas também muito assutados com a noticia que estavam “grávidos”. Contaram rapidamente para todos de minha familia e para os que não eram também. Meu pai sonhava com uma menina, minha mãe só queria ser mãe. Aliás, meu pai queria uma menina com os cabelos cacheados e ruivos. A gestação foi um pouco complicada pois minha mãe teve muito sangramento, e, por isso, teve de fazer muito repouso. Não sei se foi por causa do repouso ou pela comida, mas, eu engordei minha mãe em 25 kilos. Nasci no dia 06 de setembro de 1993, no hospital regional de São José, de cesariana (minha mãe não conseguiu o parto natural). Meu sexo nao foi surpresa já que ambos tinham o visto através do exame de ultrassom, e meu nome, já tinha sido escolhido com a ajuda de minha madrinha (irmã do meu pai).

No dia do nascimento meu pai em êxtase repetiu a mesma frase não sei quantas vezes “é menina e tem o nariz da Cris, e a orelhinha é pequena”. Vou contar um segredo: Meu pai se acha orelhudo. Eu não acho. Mas, ele sim. Todos foram me visitar no hospital. Minha familia é realmente muito alvoraçada. Ganhei leite materno até meus 2 anos. Eu queria mais, mas minha mãe disse que eu já estava lhe causando muitos machucados no seio, devido ao aparecimento dos dentes, é claro. Eu fui a única criança da familia por parte paterna a não ter asma nem bronquite e me sinto bem sortuda por isso. Mas, por outro lado, dos 7 anos aos 14 eu tive de tomar injeção todo mês devido a problemas hormonais. Disseram que eu tinha puberdade precoce. Não entendia o que era isso direito, mas, a verdade é que eu ia menstruar muito cedo.

Meus pais resolveram se separar, e eu ainda tinha 3 anos. Hoje eu entendo o motivo, mas, até os 14 eu soprava a vela do aniversário e pedia para que um dia eles voltassem a se casar. Eu sempre morei com meu pa(pai), porque é assim que ele gosta que eu o chame, mas eu sempre fui muito apegada e próxima da minha mãe. Tenho 2 meio irmãos por parte de mãe. Mas para mim não existe meio irmão. Ou é ou não é. E sim, eles são. Eu não nasci ruiva mas meu irmão nasceu e minha irmã parece mais uma india do que minha irmã. E isso nos torna irmãos totalmente diferentes entre si com alguma “coisinha” em comum. Meus pais costumam dizer que eu era uma criança bem educada e calma e não sabem como eu me transformei nesse monstro desorganizado e chato, eu não concordo com essa descrição. Mas deixa isso pra lá...